

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
ABIANE CRISTINA DE SOUZA

**ASPECTOS CONVERSACIONAIS NO TELEJORNALISMO:
RELAÇÕES INTERPESSOAIS *NA/PELA*
LINGUAGEM TELEVISIVA**

Taubaté- SP
2016

ABIANE CRISTINA DE SOUZA

**ASPECTOS CONVERSACIONAIS NO TELEJORNALISMO:
RELAÇÕES INTERPESSOAIS *NA/PELA*
LINGUAGEM TELEVISIVA**

Projeto de pesquisa apresentado à banca examinadora, como defesa para obtenção do título de Mestre no programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, do Departamento de Ciências e Letras, da Universidade de Taubaté - Unitau, em 2016.

Orientador: Prof.^a Dra. Adriana Cintra de Carvalho Pinto.

**Taubaté- SP
2016**

ABIANE CRISTINA DE SOUZA

**ASPECTOS CONVERSACIONAIS NO TELEJORNALISMO: RELAÇÕES
INTERPESSOAIS NA/PELA LINGUAGEM TELEVISIVA**

Projeto de pesquisa apresentado à banca examinadora, como defesa para obtenção do título de Mestre no programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, do Departamento de Ciências e Letras, da Universidade de Taubaté - Unitau, em 2016.

Data: 28/04/2016

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. ADRIANA CINTRA DE CARVALHO PINTO - Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Profa. Dra. VÂNIA DE MORAES

- Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof. Dr. FRANCISCO DE ASSIS

- FIAM-FAAM

Assinatura _____

À minha mãe Jeanete pelo amor incondicional e por ser exemplo de que com a educação, somos seres humanos melhores.

AGRADECIMENTOS

A Nossa Senhora Aparecida, mãe protetora.

À minha mãe, a pessoa mais incrível e especial da minha vida; responsável por plantar a “semente” da educação, do conhecimento e do amor; pelas horas de conselhos e pela paciência em ler tudo que escrevo.

Ao meu padrasto pelo incentivo, pelas horas de conversas, por acreditar em mim e pelo amor que me oferece todos os dias.

Ao meu companheiro de vida Roternan Xavier pelo amor, paciência e incentivo.

Aos diretores da Rede Aparecida de Comunicação, local onde trabalho, por colaborarem com esta etapa da minha vida, aos colegas do departamento de jornalismo e também da produção da TV por me aguentarem e auxiliarem no trabalho para que eu conseguisse cumprir a nova meta.

Aos colegas de curso que trouxeram alegria e conhecimento aos meus dias. Em especial aqueles que viraram meus amigos do coração. Ao querido Ewerton Duarte pelas conversas, conselhos e pelas experiências divididas.

Aos professores do Curso de Mestrado em Linguística Aplicada da Unitaui que me trouxeram conhecimentos e novos caminhos a serem percorridos.

E, claro, a minha orientadora, mestre e amiga, professora doutora Adriana Cintra de Carvalho Pinto, em que encontrei durante o percurso, a determinação necessária para seguir adiante e a ternura, para acreditar que esta seria uma etapa possível a viver.

Feliz aquele que transfere o que sabe e
aprende o que ensina.

Cora Coralina

RESUMO

A busca por popularização, proximidade e interatividade no jornalismo contemporâneo tem se tornado um grande desafio para as empresas de TV no Brasil. O mundo está integrado eletronicamente, o que faz com que a televisão, o principal veículo de disseminação da informação e peça de entretenimento da sociedade, adapte-se para conquistar o telespectador. Alguns noticiários do país têm realizado mudanças no formato com o intuito de atrair o público e aumentar ou permanecer com a audiência. Esta pesquisa lança um olhar para os discursos jornalísticos na apresentação do “Jornal Nacional”, noticiário líder incontestável de audiência no país, que vem se reformulando. O objetivo é verificar como a relação interpessoal entre jornalista/jornalista e jornalista/espectador tem se apresentado nessa reformulação. Como subsídios, foram utilizadas as características de conversação de Kerbrat-Orecchioni (2006) e Marcuschi (1997) além de conceitos de gêneros textuais de Schneuwly & Dolz (2004). Para tanto, foram analisados trechos dos discursos dos apresentadores Fátima Bernardes, Renata Vasconcellos e William Bonner, do “JN” da *Rede Globo* nos anos de 2005, 2010 e 2015. Com a pesquisa, é possível perceber que as mudanças na linguagem, voltadas para a conversação e as relações, foram ocorrendo com o passar dos anos com o intuito de seduzir e aproximar o telespectador e, ao mesmo tempo, ampliar a audiência.

PALAVRAS- CHAVE: Telejornalismo- Comunicação- Interação- Conversação

ABSTRACT

The search by popularization, proximity and interactivity in contemporary journalism has become a major challenge for companies in Brazil. The world is integrated electronically, which causes the television, the main vehicle for dissemination of information and entertainment part of society, adapt to conquer the Viewer. Some news of the country have carried out changes in the format in order to attract the public and increase or remain with the audience. This research takes a look at the journalistic speech in the introduction of the "Jornal Nacional", undisputed leader of news audience in the country, which has been reworked. The goal is to see how the interpersonal relationship between journalist/reporter and journalist/spectator has been presented in this recast. As subsidies, were used the features of Kerbrat-Orecchioni (2006) conversation and Marcuschi (1997) beyond concepts of genres of Schneuwly & Dolz (2004). Therefore, we analyzed parts of speeches by announcers Fátima Bernardes, Renata Vasconcellos and William Bonner, "JN" of Rede Globo in the years 2005, 2010 and 2015. With the research, is possible to realize the changes in the language, focused to the conversation and relationships have been occurring over the years aiming to seduce and bring the viewer and, at the same time, expanding the audience.

KEYWORDS: Telejournalism- Communication- Interaction- Conversation

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo 1- O jornalismo de TV no Brasil	16
1.1– A TV no Brasil	16
1.1.1- O telejornalismo no Brasil.....	19
1.1.2- A globalização e a TV paga.....	24
1.2- O telejornalismo e a internet.....	28
1.3- O JN.....	31
Capítulo 2- Gêneros textuais e Gêneros jornalísticos.....	35
2.1- Gêneros textuais.....	35
2.2- Gêneros jornalísticos.....	40
2.3- Telejornalismo.....	44
Capítulo 3- Conversação	49
3.1- Análise da Conversação	49
3.2- A relação interpessoal	53
3.3- Aspectos Conversacionais em textos que não são conversações.....	56
Capítulo 4- Aspectos conversacionais no telejornalismo.....	59
4.1- Procedimentos Metodológicos.....	59
4.2- Critérios de Análise.....	64
4.3- Análises.....	66
4.3.1- Das escaladas do JN.....	66
4.3.2- Das cabeças de VT do JN.....	75
4.3.3- Das interações do JN.....	81
Considerações Finais.....	89
Glossário.....	92
Referências.....	95

1- INTRODUÇÃO

A televisão é uma unanimidade no país. Quase cem por cento dos lares brasileiros possuem um aparelho em casa. Tudo é medido por ela e sua implementação foi realizada por Francisco de Assis Chateaubriand nos anos 50 com a TV Tupi, que inaugurou uma estação de televisão no Brasil sem ao menos existir aparelhos de recepção. Já são 66 anos de TV no país. Ao longo deste período foram realizadas e, ainda são, muitas descobertas e evoluções.

Desde sua criação, a TV sempre teve grande importância na vida da população e pensar o jornalismo sem ela, é quase improvável. A prática diária do jornalismo aplicada a este veículo de comunicação é o telejornalismo e o programa que divulga notícias dos mais variados tipos, utilizando imagens, sons e — geralmente — narração por um apresentador é o telejornal. O telejornal faz parte do cotidiano da população, que se posta em frente à TV para saber sobre as notícias do Brasil e do mundo. Do primeiro jornal de televisão “*Imagens do Dia*”, da TV Tupi, inaugurado em meados de 1952, até os tempos atuais foram várias as transformações. Em 2010, o telejornalismo em nosso país completou 60 anos e a história mostra as mudanças desta comunicação ao longo dos anos. Atualmente, o jornalismo vive um momento de transição paradigmática. Para Santaella (2003), as novas tecnologias da informação e comunicação estão mudando não apenas as formas de entretenimento e de lazer, mas potencialmente, todas as esferas da sociedade; estão mudando a cultura em geral.

Diante desta sociedade em rede, os veículos de comunicação têm se adaptado, remodelando o jornalismo. A hipótese é que a mudança mais observada nos telejornais seja a linguagem, prioritariamente mais conversada e na forma de interação. Vinculado ao projeto “Análise de textos e suas relações com o ensino e aprendizagem de gênero”, sobre os gêneros textuais da doutora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UNITAU, Adriana Cintra de Carvalho Pinto, este estudo, tem como objetivo central verificar como a relação interpessoal entre jornalista/jornalista e jornalista/espectador tem se apresentado nessa reformulação.

À medida que a sociedade evolui, se impõe a mudança de bens, serviços, informação e entretenimento. Atualmente o desafio é romper padrões por muitos anos cultivados; modelos que por muito tempo foram seguidos e copiados, como o jornalismo americano¹(mais objetivo, menos analítico e opinativo), têm sido deixados de lado, a fim de dar lugar à experimentação, ao novo, ao interativo e ao mais próximo. A estratégia é capturar o telespectador, recriar laços de proximidade e familiaridade com o público, a fim de garantir a audiência. A ordem é surpreender, apresentando os mesmos assuntos de forma diferente, abrindo espaço para a conversa e o debate, comunicar, o que, de acordo com Martín- Barbero (2004), é:

...tornar possível que homens reconheçam outros homens em duplo sentido: reconheçam seu direito a viver e a pensar diferente, e reconheçam a si mesmos nessa diferença, ou seja, que estejam dispostos a lutar a todo o momento pela defesa dos direitos dos outros, já que nesses mesmos direitos estão contidos os próprios (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.70 e 71).

Como profissional de jornalismo de televisão, tenho sentido e percebido as mudanças nos últimos anos. A aposta na proximidade e na informalidade a fim de seduzir o telespectador é o novo desafio dos profissionais. Em uma época em que os telespectadores têm se revelado exigentes, a postura é atraí-los com nova roupagem e linguagem, que têm se aproximado cada vez mais da conversação.

O jornalismo como minha escolha, se deve ao anseio em fazer a diferença na vida das pessoas. Gabriel García Márquez, em um dos trechos de seu discurso, proferido na 52ª Assembleia da Sociedad Interamericana de Prensa (SIP), em Los Angeles nos Estados Unidos, em 7 de outubro de 1996, resume a paixão de um jornalista:

Porque o jornalismo é uma paixão insaciável que só se pode digerir e humanizar mediante a confrontação descarnada com a realidade. Quem não sofreu essa servidão que se alimenta dos imprevistos da vida, não pode imaginá-la. Quem não viveu a palpitação sobrenatural da notícia, o orgasmo do furo, a demolição moral do fracasso, não pode sequer conceber o que

¹ O modelo de jornalismo americano é mais objetivo e se baseia no lead (primeira parte de uma notícia, que fornece ao leitor informação básica sobre o conteúdo que lhe segue e pretende prender-lhe o interesse); no uso da pirâmide invertida (contar a história indo direto a que consequências algo levou) para a criação de um texto mais homogêneo e objetivo; a criação de editoriais e do arquivo; e outros elementos relacionados com a administração, produção e visual gráfico.

são. Ninguém que não tenha nascido para isso e esteja disposto a viver só para isso poderia persistir numa profissão tão incompreensível e voraz, cuja obra termina depois de cada notícia, como se fora para sempre, mas que não concede um instante de paz enquanto não torna a começar com mais ardor do que nunca no minuto seguinte (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996).

No telejornalismo, tive experiências em diversas áreas, assessoria, jornalismo impresso, revista, produção de TV e em seguida passei de repórter à apresentadora de telejornal. Foi-me confiado um quadro jornalístico que consistia em algo novo: a apresentação de boletins de notícias ao vivo, com duração de poucos minutos que entravam ao longo da programação.

Um desafio: informar de forma clara, objetiva, sem muitos recursos de imagens, utilizando cada vez menos o *teleprompter*² e ao mesmo tempo “conversar” com o telespectador, para chamar-lhe a atenção para o assunto exibido. O conversar não é, e não foi uma tarefa fácil para quem desde o início aprendeu que ter credibilidade seria ter postura, seriedade e ser imparcial. Desta forma, tentei buscar fundamentação teórica nos estudos adquiridos na universidade, mas as teorias não relatavam o que a prática necessita, fazendo-se necessário reinventar aos poucos, o que, ainda fazemos, porém, agora, com mais exemplos.

O âncora ou apresentador³ tem como tarefa narrar, anunciar, comentar as notícias e chamar os repórteres que entram ao vivo na programação. Esta emissão é realizada de forma oral e, em sua maioria, por meio de um *teleprompter*. Além desse tipo de texto, tem-se estabelecido com os telespectadores, atualmente, uma interação verbal definida como conversação natural, que é aquela que se dá de forma espontânea, diferente do perfil utilizado desde o início, que se caracterizava por ser “isento”, com uma postura formal, não raras vezes, sisuda.

² Um *teleprompter* ou teleponto é um equipamento acoplado às câmeras de vídeo que exhibe o texto a ser lido pelo apresentador. É a forma mais eficiente de exhibir textos, especialmente em segmentos longos.

³ O âncora mostra seus pontos de vista com base em outras informações, possibilitando uma análise mais ampla pelo telespectador, dando um ou mais ângulos da notícia. Ele é responsável pelo que diz e representa parte, se não toda, a opinião de um canal e faz parte do consenso da sociedade. Já o apresentador de telejornal é quem narra e anuncia as notícias que serão exibidas. Também chamam os repórteres que entram ao vivo na programação.

Para verificar essas mudanças, foram observados e comparados os discursos, retirados da internet, dos apresentadores Fátima Bernardes, Renata Vasconcellos e William Bonner, do “Jornal Nacional” da *Rede Globo*, doravante chamado de JN, nos anos de 2005, 2010 e 2015, com trechos selecionados da escalada⁴, com temas marcantes do ano; da cabeça de reportagem⁵, geralmente a de abertura do jornal ou continuidade do assunto mais importante da edição e, de momentos de interação entre os apresentadores e/ou repórteres de modo a apontar as mudanças de acordo com os aspectos conversacionais, identificando como se estabelece a relação interpessoal. O *corpus* se deu considerando o caráter factual das notícias e as de maior impacto midiático no Brasil e no Mundo. Entre os principais temas estão os atentados terroristas e os desastres ambientais. Os momentos de interação escolhidos foram os mais comentados do ano. Os discursos estão dispostos em *scripts*⁶ e todo conteúdo foi transcrito.

O JN, telejornal em análise, foi escolhido por ser o noticiário líder de audiência no país, cobrindo mais de 99% do território nacional. Além disso, tem retratado transformações na linguagem, tornando-a informal, interativa, próxima, emocional e, com maior participação popular por meio de vídeos amadores, e-mails, sugestões e até comentários sobre os apresentadores nas redes sociais.

A emissora, que comemorou em 2015 seus 50 anos, reinventou-se e a mudança veio no fim do mês de abril, precisamente dia 27, após seu aniversário. Entre as transformações estão o fato do informativo estar mais dinâmico, com

⁴ Escalada são as manchetes do telejornal, sempre no início de cada edição. Serve para prender a atenção do telespectador no início do jornal e informar quais serão as principais notícias daquela edição.

⁵ Cabeça de reportagem é o lead da matéria, ou seja, a informação básica sobre o tema. Quem lê é sempre o apresentador que introduz o assunto da matéria feita pelo repórter.

⁶ Script é o nome dado à lauda, eletrônica ou de papel, utilizada na produção audiovisual, em especial no telejornalismo. Na parte superior da página, o script apresenta uma espécie de cabeçalho, usado para identificar o assunto, a data, o tempo da matéria, o editor do telejornal (repórter ou redator) e o número que a página terá no script. Dividido horizontalmente em dois blocos, um à esquerda, que destina-se às informações relativas à imagem ou a tudo o que aparecerá no vídeo, e outro, à direita da página, apontando todos os dados referentes ao áudio do material.

câmeras mais leves e móveis e tendo William Bonner e Renata Vasconcellos podendo apresentar o telejornal em pé e conversar com os repórteres em um telão. O objetivo é de conquistar telespectadores e alavancar a audiência, pois embora ainda seja líder, ano após ano, vem perdendo público e importância. Em pontos, no Painel Nacional de Televisão (PNT), o JN caiu de uma média de 31,8 em 2012 para 24,8 pontos em 2015. Cada ponto no PNT equivale a cerca de 240 mil domicílios. De acordo com o jornalista Castro (2015), as novidades citadas acima seguem tendências apontadas em pesquisas feitas pela emissora anualmente de que “os telespectadores pedem um jornalismo mais arrojado”, com mais proximidade e intimidade.

Assim, por meio da verificação da relação interpessoal entre jornalista/jornalista e jornalista/telespectador apresentados, esta pesquisa tem o intuito de responder as seguintes questões:

- 1) Como se dá a sucessão de turnos na conversação?
- 2) Qual a relação entre os interlocutores?

Para marcar estes aspectos foram consultados autores como Kerbrat-Orecchioni (2006) e Marcuschi (1997), especialistas na análise de conversação e relação interpessoal e, Schneuwly & Dolz (2004) sobre os gêneros textuais.

O **capítulo 1** deste estudo procura trazer ao leitor um breve recorte da televisão no Brasil com foco no telejornalismo e descreve seu início trazendo pesquisas e fases sobre o tema, com base em profissionais renomados da área de comunicação. Além disso, trata sobre a televisão e a *internet* e sobre o JN.

Já o **capítulo 2** retrata o conceito de gêneros textuais de acordo com pressupostos de Schneuwly & Dolz (2004), o gênero jornalístico e seus formatos, de acordo com pesquisadores da área da comunicação, entre eles, José Marques de Melo e Francisco de Assis (2013).

No **capítulo 3** são tratados os conceitos sobre a conversação e a relação interpessoal. A conversação está cada vez mais incorporada pelo telejornalismo, e sua utilização tem levantado hipóteses e compreensões no que se refere a esta

relação. O tema tem, como já foi dito, embasamento nos pressupostos teóricos da Análise da Conversação, de Kerbrat-Orecchioni (2006) e de Marcuschi (1997).

O **capítulo 4** contempla a análise dos discursos dos apresentadores: Fátima Bernardes, William Bonner e Renata Vasconcellos do JN. Ao todo, são três momentos do telejornal em cada ano considerado (2005, 2010 e 2015), portanto, nove análises. Desta forma, serão retomadas as teorias discutidas no estudo, com o intuito de realizar um comparativo das mudanças e de avaliar o quanto a conversação e a relação interpessoal no gênero telejornal tem interferido no processo das mudanças.

Por fim, apresentam-se as **considerações finais** deste trabalho, seguidas das referências bibliográficas. Espera-se que por meio deste tema, os interessados tenham um olhar crítico acerca da linguagem na comunicação.

Capítulo 1- O jornalismo de TV no Brasil

Este capítulo faz um breve recorte da história da televisão no Brasil com foco no jornalismo, apontando algumas de suas mudanças ao longo dos anos, sua relação com o ciberespaço⁷ e sobre o JN, o noticiário em análise.

1.1- A TV no Brasil

O aparelho iconoscópio que deu origem à televisão foi patenteado em 1928 pelo inventor russo Zworykin, que aproveitou a ideia do britânico Boris Rozing com a descoberta do tubo de raios catódicos. As empresas BBC de Londres e a RCA americana foram pioneiras no empreendimento, sendo inauguradas em 1922 e 1929. Em 1955, quando o aparelho começava a aparecer em países como o nosso, 67% das famílias americanas já tinham uma televisão em casa; trinta anos depois, o índice chegou a 99% (CASHMORE, 1998).

A primeira cobertura telejornalística de destaque mundial foi o ataque japonês a Pearl Harbour, em 1941. Três jornalistas da CBS, uma das maiores redes de televisão e rádio dos Estados Unidos, fizeram a transmissão que durou nove horas, utilizando apenas fotos e mapas (TRAVANCAS, 1993).

Já a televisão brasileira foi inaugurada oficialmente no dia 18 de setembro de 1950, com a *TV Tupi*, em estúdios instalados em São Paulo. A *TV Tupi Difusora* surgiu na época em que o rádio era considerado o veículo de comunicação mais popular do país; com isso, a TV brasileira se submeteu à influência do rádio, utilizando sua estrutura, formato, técnicos e artistas. No entanto, segundo Mattos (2010), a televisão começou a ser implantada em fevereiro de 1949, quando Assis Chateaubriand adquiriu junto à empresa RCA Victor, cerca de 30 toneladas de equipamentos necessários para montar uma emissora, e nomeou quatro diretores

⁷ Ciberespaço é o termo que foi idealizado por William Gibson (um escritor Américo canadense de ficção especulativa) em 1984, no livro *Neuromancer*, referindo-se a um espaço virtual composto por cada computador e usuário conectados em uma rede mundial. Por meio da tecnologia, os homens, mediados pelos computadores, passam a criar conexões e relacionamentos capazes de fundar um espaço de sociabilidade virtual.

responsáveis pela sua implantação: Dermival Costa Lima, coordenador do projeto, Mário Alderighi, Cassiano Gabus Mendes e o maestro francês Georges Henry. Os “Diários Associados”, empresa de Chateaubriand, passaram a desenvolver uma estratégia visando não apenas treinar os profissionais de rádio, mas também popularizar a imagem dos artistas. Identificando os efeitos que uma propaganda podia causar, alguns meses antes da TV ser inaugurada, jornais e revistas dos Associados passaram a divulgar que chegaria a televisão ou o “cinema a domicílio” (JÚNIOR GONÇALO, 1998).

Pouco antes da inauguração da *TV Tupi*, o técnico americano Walther Obermüller, responsável pela instalação dos equipamentos da RCA Victor, constatou que não havia um único aparelho de TV em São Paulo para captar as imagens a serem transmitidas. Informado das preocupações do americano e sabedor de que nem o presidente da República seria capaz de reduzir os prazos dos trâmites normais estabelecidos pela burocracia para que 200 televisores fossem importados, Assis Chateaubriand solicitou que os mesmos, segundo Júnior Gonçalo (1998), fossem providenciados através de contrabando. Desta forma, a *Tupi* instalou televisores em lojas e bares da cidade, além do saguão dos “Diários Associados”, onde uma multidão ficou esperando para ver a novidade. Uma confusão tomou conta da emissora no dia da estreia, 18 de setembro de 1950, devido à queima de uma das três câmeras, o que provocou um atraso de 90 minutos para o início das transmissões.

Dois dias após a sua inauguração, foi ao ar o primeiro telejornal: “Imagens do Dia”. O modelo era de rádio com locução em *off* e textos com estilo radiofônico. Entrava no ar entre as nove e meia e dez da noite. Não tinha preocupação com a pontualidade e nem um horário fixo. Rui Resende era o locutor, produtor e redator das notícias, e algumas notas tinham imagens feitas em filme preto e branco, sem som (PATERNOSTRO, 1999, p.35).

Em 1950, o Brasil passava por importante processo de desenvolvimento econômico, social e político. A indústria nacional crescia intensamente, os centros urbanos se transformavam com atividades comerciais, financeiras, de serviços e de educação. Na política, Getúlio Vargas assumia a presidência, substituindo o general

Eurico Gaspar Dutra⁸. O ambiente era favorável ao desenvolvimento da TV e, conseqüentemente, à consolidação do telejornalismo brasileiro.

Desde seu início, a televisão brasileira tem o controle acionário de acordo com Mattos (2010), concentrado nas mãos de uns poucos familiares, entre eles: família Marinho, da *Rede Globo*, Grupo Sílvio Santos, do *SBT- Sistema Brasileiro de Televisão*; Bispo Edir Macedo, da *Rede Record* e Johnny Saad, da *Rede Bandeirantes*. Apenas as emissoras estatais e o modelo de radiodifusão brasileiro, antes privado, evoluiu para um sistema misto, onde o Estado ocupa os vazios deixados pela livre iniciativa, operando canais destinados a programas educativos.

O crescimento inicial da televisão, a partir de 1950, segundo Mattos (2010), pode ser atribuído ao favoritismo político, que concedia licenças para exploração de canais sem um plano preestabelecido. A proliferação de estações de televisão começou antes do golpe militar em 1964, durante a administração do presidente Juscelino Kubistchek (1956-1961). Depois do estabelecimento do Ministério das Comunicações, em 1967, o processo de concessão de licença passou a levar em conta não apenas as necessidades nacionais, mas também os objetivos do Conselho de Segurança Nacional de promover o desenvolvimento e a integração nacional. Segundo o autor, o favoritismo político foi prolongado até o governo de José Sarney.

O sistema brasileiro de radiodifusão, ainda segundo Mattos (2010), é considerado um serviço público e as empresas que o integram sempre estiveram sob controle governamental direto, uma vez que o Executivo era quem detinha, até 5 de outubro de 1988, data da promulgação da Constituição brasileira em vigor, o direito de conceder e cassar licença e permissão para uso de frequências de rádio ou televisão. Para o autor, o Estado continua a exercer um forte controle sobre a indústria cultural brasileira, em parte devido à dependência dos veículos de massa

⁸ Após 10 anos de ditadura, vividas na era de Getúlio Vargas, em 1945, os brasileiros reencontravam-se com a democracia e elegeram o general Eurico Gaspar Dutra, o candidato do Partido Social Democrático, como Presidente da República. Foi um período de definição e inovações na legislação brasileira. O mandato do Marechal terminou em 31 de janeiro de 1951. O vice-presidente era Nereu Ramos, que depois se tornou também chefe de estado. Eurico Gaspar Dutra foi o 16º Presidente da República. Através do voto popular, Getúlio Vargas passou a ocupar novamente a Presidência da República em 1951, candidato pelo Partido Social Progressista. O objetivo de Vargas era tornar o país mais moderno e industrializado.

em relação aos subsídios oficiais, e conclui que o modelo brasileiro de televisão, além de ser dependente da importação de *software* e *hardware*, também depende do suporte publicitário, sua principal fonte de receita.

No início, a televisão não atingia uma grande audiência e, portanto, não conseguia atrair os anunciantes. Mas as agências de publicidade estrangeiras, instaladas no Brasil, que já tinham experiência com esse veículo em seus países, logo começaram a utilizar a televisão como veículo publicitário, passando a decidir, também, o conteúdo dos programas. O patrocinador, nos primeiros anos, deliberava sobre todos os aspectos, e à emissora, restava a tarefa de ceder estúdios e equipamentos e inserir o programa no ar (PRIOLLI, 1985).

1.1.1- O telejornalismo no Brasil

Durante as duas primeiras décadas de nossa televisão, os programas eram identificados pelo nome do patrocinador, como: “Repórter Esso”, “Telejornal Bendix”, “Reportagem Ducal”, “Telejornal Pirelli” e “Telejornal Panair”. No Brasil, ao longo da história da televisão, o governo se tornou o maior anunciante individual, nos níveis federal, estadual e municipal. O governo brasileiro sempre esteve entre os maiores anunciantes do país, em consequência, aumentando sua influência sobre os veículos.

Aos poucos, o telejornalismo foi criando espaço e dando seus primeiros passos no Brasil. Em janeiro de 1952, foi criado, pela *TV Tupi*, o “Telenotícias Panair”, e no mesmo ano, na *Tupi* do Rio de Janeiro, surgia o telejornal considerado o mais importante da década de 1950: o “Repórter Esso”. Apresentado por Gontijo Teodoro, o jornal era feito de notícias nacionais e internacionais. Em 1953, ele começou a ser transmitido, também, pela *TV Tupi* de São Paulo. Segundo Rezende (2000), os jornais eram feitos basicamente de notícias direto do estúdio, devido às dificuldades em se fazer coberturas externas. Em termos visuais, todos eram semelhantes: cortina de fundo, uma mesa e uma cartela com o nome do patrocinador. A influência radiofônica era tal que o “Repórter Esso” nada mais foi do que uma adaptação de um jornal da agência americana, *United Press Internacional* (UPI).

O Repórter Esso ia ao ar com informações produzidas e controladas por uma agência de publicidade, a quem competia fazer todo tipo de observação em relação ao programa. Tido como um marco do telejornalismo brasileiro, sua experiência vitoriosa foi repetida em todas as emissoras inauguradas por Assis Chateaubriand (MATTOS, 2002, p.85).

Ao final da década de 1950, já existiam dez emissoras de televisão em funcionamento. Na década de 1960, a TV, enfim, consolidou-se no país, e o telejornalismo começou a avançar. Segundo Lima (*apud* Rezende 2000), uma fase de criatividade e expansão intelectual foi iniciada. Além da tecnologia marcada com a chegada do *videoteipe*⁹, como recurso para registrar a inauguração de Brasília. A TV assumiu seu caráter comercial, e a disputa pelas verbas publicitárias deu início a uma corrida pela audiência. Em 1962, a *TV Excelsior* passou a exibir o “Jornal de Vanguarda” e trazer apresentadores que não eram mais do rádio em sua maioria, e sim, dos meios impressos. Com o Golpe Militar de 1964, foi posto fim à fase de expansão do telejornalismo. Após o Ato Institucional nº 5¹⁰, o “Jornal de Vanguarda” foi extinto pela própria equipe. Os telejornais brasileiros começaram a adotar o modelo americano e, voltaram a ser conduzidos exclusivamente pelos locutores.

O jornalismo “ao vivo”, direto do estúdio, “se responsabilizava por parte extremamente representativa da produção as emissoras, no mínimo como alternativa simples e econômica” (LEANDRO; COSTA, 1977, p.87). De acordo com Barbosa Lima (1985), com informações redigidas em forma de “texto de telegráfico”, os noticiários eram apresentados por locutores com estilo “forte e vibrante”, copiado do jornalismo de rádio. Furtado (1988, p.60) afirma que a TV “perdia em relação à instantaneidade”, na comparação com o rádio. A demora na revelação e montagem

⁹ Videoteipe ou Videotape consiste numa fita de material plástico, bastante fina, que tem uma cobertura de partículas magnéticas, normalmente usada para o registro de imagens televisivas ao passar por aparelho em que as partículas são ordenadas. Seu uso permitiu a gravação prévia de programas destinados a transmissões posteriores. Esta tecnologia tornou-se obsoleta com a introdução dos meios digitais de gravação.

¹⁰ O Ato Institucional nº 5 (AI-5) foi decretado pelo presidente Artur da Costa e Silva no dia 13 de dezembro de 1968. O AI-5 foi um instrumento de poder que deu ao regime militar poderes absolutos, fechando o Congresso Nacional por quase um ano.

dos filmes, segundo o autor, atrasava a divulgação de imagens dos fatos nos telejornais em até doze horas do acontecimento.

De acordo com Rezende (2000, p.108), os avanços técnicos, como o “*videoteipe*, câmeras de estúdio mais ágeis, a lente *zoom* em substituição à torre de lentes”, e a mudança na linguagem atingiam principalmente as produções de entretenimento enquanto o telejornalismo e a produção das notícias permaneciam engessados devido às interferências políticas e à falta de estilo próprio. Essa forma inadequada, afirma o autor, levou o crítico de tevê Luís Lobo a questionar a eficiência do telejornalismo praticado nas emissoras: “Ler um papel em frente às câmeras não é informar. Mostrar uma foto que todo mundo já viu também não. O jornalismo de televisão tem de ser muito mais” (LOBO, 1969 apud REZENDE, 2010, p.57).

A *TV Record*, fundada em 1953, viveu seu período de ouro com os programas musicais e o sucesso dos festivais de música, que revelaram os cantores e compositores que ainda hoje dominam a música popular brasileira, como, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Guilherme Arantes, entre outros. A *Record* chegou a ocupar o primeiro lugar entre as emissoras de maior audiência no país, segundo Furtado (1988), até que, devido a uma série de incêndios ocorridos entre 1968 e 1969, entrou em decadência.

Em 1969 para 1970, dois fatos deram início a uma nova fase no jornalismo de TV no Brasil: um foi a criação do “Jornal Nacional” (JN), da *Rede Globo*, e o outro o fim do “Repórter Esso”. Paternostro (1999) conclui que, na mesma época, surgia a Embratel - Empresa Brasileira de Telecomunicações -, e desta forma estava criada a estrutura para as redes nacionais de televisão. Foi construído pela empresa, na época ligada a estatal holding Telebrás, um sistema de transmissão de micro-ondas. A fonte dos recursos foi pública, mais especificamente o Fundo Nacional de Telecomunicações, criado em 1962 pelo Código Brasileiro de Telecomunicações. Posteriormente, satélites também passaram a ser utilizados e o padrão de transmissão em rede tornou-se dominante na televisão.

De acordo com Rezende (2010), a *Rede Globo*, fundamentada em uma nova mentalidade empresarial, traduzida em uma política de concentração de propriedade, produção e publicidade, teve como objetivo desde o princípio,

transformar a exploração comercial da TV em um negócio lucrativo. O JN produzido no Rio de Janeiro, entrou no ar no dia 1º de setembro de 1969, às 19 horas e 56 minutos. Foi transmitido simultaneamente, ao vivo, para São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília. O JN foi o primeiro noticiário em rede nacional da TV brasileira. O objetivo era de integrar os 56 milhões de brasileiros da época. Armando Nogueira, então responsável pelo JN, conta, em depoimento: “A *Globo*, decidida a investir em telejornalismo, teve que se voltar para a universidade. De lá, sairia a primeira geração de repórteres e editores da emissora” (OLIVEIRA SOBRINHO, 2000, p.36).

Claro que não foi a Globo que criou o telejornalismo, mas foi ela que eliminou o improviso, impôs uma duração rígida no noticiário, copidescou¹¹ não só o texto como a entonação e o visual dos locutores, montou um cenário adequado, deu ritmo à notícia, articulando com excelente timing¹², texto e imagem (PIGNATARI *apud* REZENDE, 2000, p.113).

Entre as redes de TV concorrentes, a partir de 1970, outros modelos de telejornalismo tentaram ganhar audiência, como “Os Titulares da Notícia” da *Rede Bandeirantes*, e o telejornal “A Hora da Notícia”, da *TV Cultura* de São Paulo. No entanto, além da competição entre as emissoras, quem fazia televisão nesta época, no país, tinha que vencer a censura dos militares dentro das redações. Desta forma, o telejornalismo nacional acabou pulverizado de notícias internacionais. As informações locais eram, em sua maioria, superficiais.

Em 1971, a *Rede Globo* deu outro passo e criou um departamento de pesquisa e análise, por meio do qual planejou a publicidade e adaptou programas para diferentes gostos, adequando cada um deles aos resultados das pesquisas socioculturais. Em 1972, com o estabelecimento da TV colorida no país, a *Globo* consolidou sua liderança no mercado.

¹¹ O termo copidescou vem de *copidesque* (no inglês: *copy desk* ou passagem de texto). Consiste no trabalho editorial que um redator ou revisor de textos faz ao formatar mudanças e aperfeiçoamentos, tendo em vista a correção ortográfica e gramatical, a clareza, a adequação às normas editoriais, os cortes para se obter e a extensão devida.

¹² *Timing* é o tempo de publicação da notícia, dependendo do contexto.

No final da década de 1960, graças à inauguração da estação de rastreamento de Itaboraí/RJ, o país pôde assistir, via televisão, à descida do homem na lua. Em 1972, a Festa da Uva, em Caxias do Sul, foi palco da primeira transmissão oficial a cores na televisão brasileira.

O período de 1964 a 1975 caracteriza-se como sendo a fase em que a televisão abandona a improvisação dos anos 1950 e adota os padrões de administração norte-americanos, tornando-se cada vez mais profissional.

Rezende (2010) conta que nenhuma iniciativa, entretanto, ameaçava a supremacia da *Globo*. A popularidade do JN incentivava a expansão do telejornalismo. Os cuidados com o visual se estendiam à seleção dos locutores. Segundo Maia (1977 *apud* REZENDE, 2010), o mesmo nível de excelência não se via no conteúdo. Durante o período de censura mais agudo, o telejornalismo praticado na *Globo*, líder de audiência, se afastou da realidade brasileira. Despolitizada, a emissora encontrava no entretenimento o atalho para se aproximar afetivamente de sua audiência.

No começo da década de 1980, duas novas cadeias de TV se formaram: o *Sistema Brasileiro de Televisão - SBT*, do empresário Sílvio Santos, e a *Rede Manchete*. Aumentava-se a “guerra” pela audiência, mas, segundo Vieira (1991 *apud* REZENDE, 2010), a experiência mais duradoura foi com Marília Gabriela no “Jornal da Bandeirantes” que, ao contrário de Boris Casoy, na época jornalista do *SBT*, ela não escondia que a prática do jornalismo opinativo lhe causava um constrangimento de ordem ética. Casoy, sempre opinou e isso lhe fez um jornalista diferente, ganhou credibilidade, é um exemplo de âncora. Hoje é possível observar que na *Rede Bandeirantes* é modelo para os companheiros de emissora, como: Ricardo Boechat do “*Jornal da Band*” que também se encaixa nesse perfil de ancoragem.

As mudanças foram ocorrendo com os anos. Em 1996, a Central Globo de Jornalismo promoveu a substituição de dois apresentadores símbolos do programa. Cid Moreira e Sérgio Chapelin deram espaço a William Bonner e Lílian Witte Fibe. Outro fato que, segundo Rezende (2010), alterou o quadro do telejornalismo brasileiro foi quando, em 1997, Boris Casoy, após nove anos no *SBT*, deixou a

função de âncora para seu substituto Hermano Henning e, migrou-se para a *Rede Record*.

1.1.2- A globalização e a TV paga

Na segunda metade dos anos 1990, Hoineff (1996, p.37-38) conta que o telejornalismo se libertou em muitos casos das amarras oficiais, expandiu seu universo temático, encontrou novas formas de tratamento e ganhou até “sopros de independência em relação ao empresariado do setor, o que até há pouco tempo era um privilégio parcial de poucos jornais no país, ainda que uma prática relativamente comum nos EUA e na Europa”. Com isso, o autor deixa claro que a novidade era a televisão por assinatura. O canal exclusivo de notícias da *Rede Globo*, o *Globo News*, marcou o início das transmissões. O crescimento da TV por assinatura acabou se transformando, por outro lado, numa das causas de queda de audiência do telejornalismo nas emissoras abertas, o que segundo Bucci (1997), tratava-se de um fenômeno mundial. Foi neste período que a tevê aberta iniciou a busca de programas interativos como o “Você Decide”, da *Rede Globo*. De acordo com dados da Agência Nacional de Telecomunicações- Anatel, em 1998 estava funcionando no país 263 emissoras geradoras e 3.747 retransmissoras. Na metade do ano de 2000, os números eram de 286 geradoras e 8.484 retransmissoras. Atualmente, ainda segundo dados da Anatel, em 2015, os números são de 521 emissoras geradoras e 11.328 retransmissoras.

Com isso, nos anos 2000, a concorrência entre os telejornais de tevê aberta ficou ainda mais acirrada. As substituições e contratações das outras emissoras de ex-jornalistas da *Globo* marcaria uma das tendências da intensa competição entre os telejornais do novo milênio (REZENDE, 2010). Em 2006, a *Rede Record*, divulgou que havia conseguido um feito histórico: empatar em audiência com a *Globo*, no horário nobre, com a exibição da telenovela “Prova de Amor”. Na publicidade estava implícita a estratégia da *Record* que se concretizaria na estreia do “Jornal da Record”, ancorado por uma dupla de ex-apresentadores da *Rede Globo*, Adriana Lopes e Celso Freitas. “O mais surpreendente era que o telejornal surgia para dar ao telespectador a impressão de assistir ao JN nas férias de William

Bonner e Fátima Bernardes” (MATTOS, 2006).

Para Mattos (2010), devido às transmissões da TV por assinatura, a perspectiva de queda da audiência na televisão aberta começou a ser observada, acompanhada por um retrocesso no nível de qualidade da programação. Segundo o autor, na busca para aumentar a audiência, a televisão promoveu comoção nacional na transmissão de várias reportagens, tais como: o caso do assassinato da atriz Daniella Perez, em 1992, quando se deu mais destaque ao crime do que à decisão do *impeachment* do Presidente Collor; em 1994, o acidente e o enterro de Ayrton Senna; e, em 1998, quando o acompanhamento e transmissões do drama do cantor Leandro (da dupla sertaneja Leandro & Leonardo) ganhou da Copa do Mundo e das eleições, no noticiário da TV. Com isso, em 8 de setembro de 2000, o Ministro da Justiça José Gregori fez publicar a Portaria n° 796, com 18 artigos, obrigando as emissoras a respeitarem e informarem os limites classificatórios, por faixa etária adaptada ao horário.

O aumento das assinaturas de TV no país, de acordo com dados de junho de 2015, da *Agência Nacional de Telecomunicações* (Anatel), fechou o mês de abril com 19,76 milhões de acessos de TV por assinatura. A maioria das casas brasileiras que contam com o serviço, 60,58% do total, recebe o sinal via satélite (DHT). São 11,94 milhões de acessos. Já a TV a cabo tem 7,66 milhões de assinaturas, o que corresponde a 38,76% do mercado. A fibra óptica leva o serviço a 116,6 mil residências brasileiras, sendo responsável por 0,59% do total de assinantes.

A partir do ano 2000, inicia-se a era da convergência entre a televisão e a *internet*, e da qualidade digital. A indústria especializada na produção de televisores começou o século, de acordo com Mattos (2010), anunciando a criação da *Web TV*. A tela passou de analógica, modelo de transmissão criado nos anos de 1920 e que ficou como único até o fim dos anos 1990, para um formato diferente, com a chegada das TVs de tela plana, plasma e LCD; com isso os aparelhos começaram a ser pendurados. Segundo o autor, os avanços tecnológicos deixavam antever que, durante a primeira década do terceiro milênio, o Brasil teria uma televisão de alta qualidade quanto ao som e à imagem, ou seja, em alta definição.

Em 26 de novembro de 2003, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinou o Decreto n° 4.901 e estabeleceu as bases para definição do *Sistema*

Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD). De acordo com o decreto, as principais finalidades da *TV Digital* no Brasil são, entre outras, promover a inclusão social, a diversidade cultural do país e a língua pátria por meio do acesso à tecnologia; propiciar a criação da rede universidade de educação a distância; estimular a pesquisa e o desenvolvimento, e propiciar a expansão de tecnologias brasileiras e da indústria nacional relacionada à tecnologia da informação e comunicação; planejar o processo de transição da TV analógica para digital, de modo a garantir a gradual adesão de usuários a custos compatíveis com a sua renda (MATTOS, 2009).

O desligamento da TV analógica no país, que estava previsto para 2016, foi adiado em dois anos, de acordo com notícia da Agência Brasil, publicada em maio de 2015. A medida foi anunciada pelo presidente da *Associação Brasileira de Rádio e Televisão* (Abratel), Luiz Claudio Costa. O motivo da mudança é que parte das famílias ainda não tem conversores ou TVs digitais em casa. Ainda de acordo com a referida notícia, para que a população de baixa renda não fique excluída da TV digital, o governo deverá distribuir conversores com grande capacidade de interatividade para cerca de 14 milhões de famílias beneficiárias do Bolsa Família. Tudo para que a TV alcance a todos.

Para Mattos (2010), na primeira década do terceiro milênio, o cenário das comunicações sofreu significativa mudança estrutural devido ao desenvolvimento tecnológico que contribuiu para o surgimento de um ambiente de convergência midiática e produção de conteúdo multimídia. Transformação possível, segundo o autor, pela *internet* e pela digitalização dos conteúdos de áudio, vídeo e texto.

A interatividade, segundo o autor, teve seu início em 2010, e como descreveu, foi marcada pela portabilidade. De acordo com Primo (1998) a interação está presente em uma relação entre no mínimo dois sujeitos, pois se configura a partir de uma ação mútua. Para o autor, só ocorre interatividade quando há diálogo, possibilidade de manifestação de ambos ou de vários lados envolvidos na interação. No entanto, apesar de sempre ter existido, a interatividade ganhou maior expressão na modernidade com a chegada da Internet. Um exemplo disso é se compararmos o grau de interatividade da televisão, que é praticamente nulo com o grau de interatividade proporcionado pela Internet, que acomoda uma manifestação múltipla

com múltiplos sujeitos.

Assim, a interatividade assume um papel de extrema importância dentro da nova morfologia social, pois diferencia a Internet dos demais meios de comunicação conferindo à rede a possibilidade da troca de informações e opiniões de forma instantânea e no mínimo bilateral. Para Manovich (2001) compreender a interatividade é ter como conceito a interface que serve para organizar e oferecer ao usuário as possibilidades de acesso e conexão, com ambientes que, segundo o autor, podem conter texto, vídeo, áudio, imagem, animação e comunicação instantânea, dentre outros, características que marcam a pós-modernidade e os processos comunicacionais digitais. Atualmente, um elemento indispensável nos dispositivos móveis com a introdução em massa dos smartphones e tablets é o touchscreen, a tela sensível ao toque, que veio somar ao ciberjornalismo enquanto recurso tecnológico. Palacios e Cunha (2012) reconhecem a interação do usuário com a tela como um recurso de interatividade.

Atualmente, o telefone celular tem sido usado cada vez mais para a difusão, recepção da voz, acesso à *internet*, verificação de e-mails, aparelho de tevê, *downloads* de fotos, filmes, armazenar conteúdos e gerar conteúdo. O usuário é fonte de informação, rompendo, assim, com alguns paradigmas da comunicação. O avanço da tecnologia tem influência no comportamento das pessoas, como descreve Manovich (2001) ao se referir à própria utilização do termo usuário em vez de espectador devido à percepção de que, na pós-modernidade, o homem passou a atuar como agente ativo e não meramente passivo. Assim como o diretor de um filme na montagem de um audiovisual, o internauta escolhe os pedaços textuais que quer ler, passando de espectador a reconstrutor da narrativa, mesmo que ela ofereça uma limitada variedade de resultados.

Com os conceitos acredito que a interatividade veio ampliar as possibilidades de narrativas no âmbito comunicacional, e dentro do jornalismo abriu caminhos a serem explorados pelas empresas de comunicação na produção de notícias, com alternativa de utilização de vários veículos para atingir o público. As empresas têm testado diferentes formas de interação, a exemplo do uso de redes sociais, e-mail, chats, aplicativos em smartphones e tablets. Explorar todas as possibilidades ainda é um desafio e uma descoberta. De acordo com as experiências profissionais

vividas, as empresas de comunicação ainda estão no caminho de promover uma verdadeira interatividade.

O crescimento do número de celulares no Brasil já demonstra que é possível uma postura ativa dos usuários frente às informações e fatos do dia a dia. De acordo com levantamento feito pela *Teleco - Inteligência em Telecomunicações* -, maior portal de informações do setor de telecomunicações do Brasil, com base nos dados da Anatel, o Brasil encerrou o mês de julho de 2015, período de coleta dos dados estatísticos, com 281,5 milhões de linhas ativas de celulares, que representa 137,65 acessos para cada grupo de cem habitantes. Ou seja, existem mais aparelhos de telefonia móvel no Brasil do que pessoas. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o país tem atualmente, 204.450.649 habitantes.

1.2- O telejornalismo e a *Internet*

O desenvolvimento tecnológico tem causado mudanças estruturais na sociedade. De acordo com Silva & Rocha (2010), o advento da sociedade digital é o sinal de novas tendências culturais, políticas, econômicas e sociais, que proporcionam outras formas de apropriação cultural e diversas possibilidades de aquisição de conhecimento.

Para se atualizar diante desta sociedade em rede, os veículos de comunicação tiveram que adaptar o jornalismo de forma emergencial, segundo as autoras, se remodelando.

Contra a ditadura da informação em tempo real e o acesso às várias fontes de informação restou ao jornal a obrigação de aprofundar-se em seus conteúdos, tornando-se mais atrativos visualmente e atento ao perfil de seus consumidores. No rádio e na televisão, as adaptações aos novos tempos foram perpetradas para manter cativa a audiência que cada vez mais se tornava esparsa e fragmentada (SILVA & ROCHA, 2010, p.198).

O jornalismo de tevê também precisou rever as rotinas de produção para tornar o noticiário mais ágil e atrativo para um telespectador que já poderia ter visto a notícia, em tempo real, na *web*. Além disso, Silva & Rocha (2010) destacam que o acesso às fontes de informação, antes restritas a grupos ligados à comunicação, tornou-se acessível a um número maior de pessoas, o que criou para o

telejornalismo o desafio de fazer um produto inédito e aprofundado com uma matéria-prima fluída e temporal que é o acontecimento.

Já para o trabalho do jornalista na redação, a *internet* é ao mesmo tempo uma aliada e uma concorrente, facilita a pesquisa de novas fontes, mas também exige mais atenção na filtragem das notícias. Por sua vez, com a criação de sítios eletrônicos ligados aos telejornais, tornou-se necessária a produção de conteúdos para a TV e para a *web* que sejam complementares entre si, estabelecendo uma relação entre o telejornal e seu público que antes só era possível pela televisão e no momento do noticiário, permitindo a participação do telespectador em fóruns, enquetes, *chats*.

Em conjunto ao referido é possível aliar o pensamento de Lévy (1999, p.193), quando afirma que o ciberespaço não é uma infraestrutura, mas “uma forma de usar as infraestruturas existentes e de explorar seus recursos por meio de uma inventividade distribuída e incessante que é indissociavelmente social e técnica”.

O telejornalismo, de certa forma, sempre encurtou distâncias, ao permitir que conteúdos gravados em diversas regiões do país ou do mundo tivessem repercussão para as diversas camadas da sociedade. No entanto, a emissão só acontece no instante da transmissão. Com a sociedade em rede, há uma mudança estrutural neste contexto. No caso do jornalismo de TV, a migração dos conteúdos dos noticiários para a *web* trouxe para o telespectador a possibilidade de acessar os conteúdos do telejornal em qualquer momento do dia. Mas não tem sido só isso: a apresentação dos telejornais, o cenário, o conteúdo, a inserção de gráficos e a relação do telespectador com a notícia também tem mudado. Segundo Silva & Rocha (2010), o ciberespaço transformou o modelo tradicional do telejornalismo e está promovendo uma reorganização.

Lévy diz que há uma diferença essencial que deve ser considerada, pois as tecnologias digitais surgiram sim, como a infraestrutura do ciberespaço, de sociabilidade, organização e transação, mas também, como novo mercado de informação e conhecimento (LÉVY, 1999, p.32). Rodrigues (2003) entende que o ciberespaço é como um ambiente de interação, manifestação e relacionamento, suportado pela *internet* como tecnologia da informação. E revela que os termos não podem ser utilizados como sinônimos, pois apenas suas características é que estão

diretamente ligadas às da tecnologia que o produz.

A televisão tem mudado e se aproximado mais para uma forma interativa. Em 2010, a maioria dos telejornais da TV aberta lançou novos cenários. Como elemento comum, registram a presença de suas redações como fundo de cena ou parte do cenário, além da presença de várias telas distribuídas na apresentação do telejornal. Silva & Rocha (2010), citam como exemplos o “Jornal do SBT”, cujos apresentadores daquele ano, Karin Bravo e Carlos Nascimento, faziam a transição da redação para o espaço cênico da apresentação do telejornal durante a escalada; o “Jornal da Cultura”, que seguia o mesmo modelo; e o JN que desde 2000 introduziu no novo cenário a redação como fundo.

Outro momento em que o real e o virtual aparecem no telejornalismo, são na inserção de gráficos, ilustrações e selos para contribuir com o entendimento da informação. No JN, por exemplo, estes elementos migraram para o cenário dividindo a cena com os apresentadores no formato ao vivo. Os *displays* no noticiário indicam a presença da linguagem da *internet* no telejornalismo.

Sabemos que a *internet* possui um nível de desenvolvimento superior aos demais veículos de comunicação e por este motivo, é possível perceber que os telejornais estão, a cada dia, incorporando características da *web*. Desta forma, as autoras destacam duas particularidades do meio digital: a multimídia e a interatividade.

De acordo com Silva & Rocha (2010), a multimídia se refere à convergência dos formatos das mídias tradicionais na narração do fato jornalístico e essa conexão acontece, em virtude do “processo de digitalização da informação e sua posterior circulação e/ou disponibilização em múltiplas plataformas e suportes”. Já a interatividade em relação às mídias tradicionais, segundo Vilches (2003, p.234), “é a passagem da mediação para a criação”. Nela, os internautas deixam de ser “objetos de manipulação, para converterem-se em sujeitos que manipulam”. Na prática esta interatividade, de acordo com as experiências obtidas, é mais aparente do que efetiva. Os internautas ou telespectadores tem participado muito mais e gerado informações aos telejornais, mas continuam em segundo plano, tendo em vista que as informações recebidas são checadas, confirmadas e aprovadas pelos editores antes da exibição, sendo eles os agentes manipuladores.

No caso do telejornalismo, conforme as autoras, percebe-se que os principais telejornais brasileiros não só possuem conteúdos disponíveis na *internet* como fazem uso das propriedades do meio. O conteúdo e a forma de apresentação das notícias variam em cada portal, mas em cada um deles há a preocupação de criar um canal de comunicação e interatividade entre os telespectadores que também navegam pela *internet*.

Silva & Rocha (2010) ressaltam, ainda, que nos tempos atuais, tem aumentado a inserção nos telejornais de imagens gravadas por telespectadores, muitas vezes captadas por câmeras de telefones celulares, demonstrando que parte da população está familiarizada com os recursos de gravação e edição de imagens, o que constitui um sinalizador importante do advento do ciberespaço.

Para a televisão, acostumada a emitir seus produtos de forma massiva, a necessidade de se redesenhar é urgente, pois o paradigma da vivência mudou e o telejornalismo tem se reinventado.

1.3- O JN

Segundo Bonner (2009), o JN é um programa jornalístico de televisão e, desta forma, apresenta temas comuns aos jornais impressos, aos programas jornalísticos de rádio, aos sites da *internet* voltados para notícias e, em parte, às revistas semanais de informações. Por ser um programa de televisão, segundo o jornalista, procura apresentar os temas com a linguagem apropriada ao veículo: um texto claro, para ser compreendido ao ser ouvido uma única vez, ilustrado por imagens que despertem o interesse do público por eles – “mesmo que não sejam temas de apelo popular imediato” (BONNER, 2009, p.13).

Além do furo - informação de grande importância que nenhum outro veículo de informação publicou -, o JN, segundo Bonner (2009), deve mostrar aquilo que de mais importante aconteceu no dia para um público diverso. Afirma que o jornalismo é uma atividade sujeita a doses generosas de subjetividade e que os temas factuais representam as “pernas” mais fortes do noticiário.

De forma simples, o autor explica aos leitores como é a linguagem do telejornal diante a importância dos temas que apresenta:

Por ter como objetivo mostrar o que de mais importante se deu naquele dia, o JN exibe, na maioria das vezes, aquele primeiro “jeitão” meio ansioso, de quem está cheio de novidades para contar. E, com menor frequência, porque apenas em dias menos turbulentos, o JN pode fluir com aquela calma necessária para abordar mais detidamente assuntos não urgentes da atualidade. Essa é a natureza do JN. Um jornal de vocação factual. Nos Estados Unidos, isso tem um nome: *hard news*¹³ (BONNER, 2009, p.20).

Nos dias atuais, o JN conta com aproximadamente de 39 a 45 minutos de duração, sem contar com os intervalos comerciais. Nesse tempo, tem-se em média 25 formatos como: reportagens; entrevistas; notas lidas pelos apresentadores e ilustradas por imagens; notas curtas sem apoio de imagens; entradas ao vivo dos repórteres e previsão do tempo. É exibido no horário noturno, a partir das 20 horas e 30 minutos, de segunda-feira a sábado, e é apresentado por William Bonner – também editor-chefe - e Renata Vasconcellos - editora-executiva, sendo estes substituídos por outros jornalistas da *Rede Globo* durante finais de semana, feriados ou férias. São eles: Alexandre Garcia, Ana Paula Araújo, Carla Vilhena, Chico Pinheiro, Evaristo Costa, Giuliana Morrone, Heraldo Pereira, Sandra Annenberg e William Waack.

Dos apresentadores titulares, Bonner é um dos mais experientes, à frente do JN desde 1996. Cid Moreira, outro profissional respeitado da área, foi o que permaneceu mais tempo no noticiário; ele, junto a Hilton Gomes, abriram a primeira edição do JN em 1º de setembro de 1969, com o anúncio: "O Jornal Nacional, da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o país". Em 1972, Sérgio Chapelin substituiu Hilton Gomes na apresentação, passando a dividir a bancada com Cid Moreira. Em 1983, o telejornal ganhou a sua primeira vinheta eletrônica; e, no lugar de Sérgio Chapelin, entrou Celso Freitas, que já apresentava eventualmente o jornal. Cid e Celso ficaram juntos no JN até 1989. Em maio deste ano, sai o apresentador Celso Freitas e retorna Sérgio Chapelin, refazendo a dupla com Cid Moreira. Em 1996, a bancada passou para William Bonner e Lilian Witte Fibe. Em 1998, Fátima Bernardes substituiu Witte Fibe, ficando no JN com Bonner até 2011; até que em 1º de dezembro desse

¹³ *Hard News* do inglês, "notícia importante", refere-se a toda notícia relevante e atual que necessita de uma explicação aprofundada.

último ano, a *Rede Globo* anunciou em uma coletiva de imprensa que, após quase 14 anos, Fátima Bernardes deixaria a bancada para apresentar o programa "Encontro", que entrou na grade da TV em 2012, sendo substituída por Patrícia Poeta, que estava há cinco anos no Programa Fantástico. No encerramento da edição do dia 15 de setembro de 2014, a então apresentadora do noticiário, Patrícia Poeta, anunciou que no início de novembro deixaria o jornal em favor de Renata Vasconcellos.

A *Rede Globo*, segundo seu portal de *internet*, alcança atualmente 99,50% dos telespectadores potenciais. Ao todo inclui 123 emissoras, 118 delas afiliadas, que pertencem a 26 grupos de comunicação, levando a programação a 98,44% dos municípios e a mais de 183 milhões de brasileiros. A maior produção é a jornalística, com um pouco mais de 62 mil horas por ano (média de 5.167 horas por mês). São cerca de 650 equipes de reportagem nas emissoras. É a maior equipe de jornalistas do país, com mais de 3 mil profissionais. Bonner (2009) conta que, de tempos em tempos, a *Rede Globo* encomenda pesquisas de opinião sobre seus programas, inclusive o JN, e, de acordo com os resultados das pesquisas, é que são intensificados os cuidados, as mudanças necessárias para manter e adquirir mais telespectadores.

O JN ainda é o mais assistido no país, mas já esteve em melhor situação, de acordo com pesquisa realizada pelo jornalista Ricardo Feltrin, que indica que a audiência do noticiário, caiu 28% em quatro anos, entre 2012 e 2015. A participação do programa no universo das 15 principais regiões metropolitanas do país foi reduzida de 53,7% para 38,9% no período. Em pontos, no Painel Nacional de Televisão, o telejornal caiu de uma média de 31,8 pontos, em 2012 para 24,8 pontos em 2015. Cada ponto no PNT equivale a cerca de 240 mil domicílios. Ainda de acordo com o estudo feito pelo jornalista e divulgado em vários canais de notícias, como UoL, BoL, Revista Fórum, TV o Foco, Jovem Pan, entre outros, em 2015, o telejornal registrou seu pior mês de novembro desde sua criação, em 1969. A queda se dá pelos concorrentes que têm ganhado espaço como: o "Jornal da Record", que desde 2012, cresceu 91% (de 10,4% para 19,8% o *share*); o telejornal do *SBT* também cresceu 3%; o "Jornal da Band" percentualmente cresceu 49% em seu *share* desde 2012: de 2,3% para 3,5% e a novela "Os Dez Mandamentos" da

Record, que assinalou 33,6% de participação e 22,7 pontos de média. No horário do JN, Feltrin também cita que a participação da TV paga disparou nos últimos quatro anos: passou de 13,3% para 20,5% em 2015.

Para se inovar e conquistar os telespectadores o JN investe em adaptações, mantém algumas estratégias e as aperfeiçoam. De acordo com Bonner (2009), linguistas e filólogos, precisariam de quilômetros de papel para registrar tudo o que mudou na língua falada no Brasil entre 1800 e 2000. As modificações de sentido das palavras, a morte virtual de muitas, o nascimento de outras tantas. E não é preciso estudar a fundo a evolução da nossa língua para notar as diferenças entre os textos de jornais de então e os de hoje. O problema é que, num detalhe importante, o radiojornalismo e o telejornalismo mantiveram, como referência, o texto do jornal impresso e, conclui que: “jornais impressos são escritos para que as pessoas leiam. Telejornais são vistos e ouvidos”, por isso é preciso que ele seja claro e que o espectador preste atenção; desta forma, é preciso escolher a abordagem de compreensão mais imediata e a linguagem mais próxima da que é usada naturalmente pelas pessoas ao conversar. “É assim que as pessoas se identificam e é assim que constroem amizades”.

... acho que todos os brasileiros podem acreditar que o JN será melhor, aos 50 anos, do que é hoje, aos 40. Melhorar é uma imposição do ambiente de concorrência e de uma nação crescentemente sequiosa de informação (BONNER, 2009, p.244).

Enfim, o JN tem tentado se aproximar cada vez mais do público e atualmente é cada vez mais claro que Bonner tem posto em prática o que hoje percebemos como a interatividade, com o objetivo de possibilitar a ampliação do acesso à informação. Em 2015, foi possível observar mais atentamente essas mudanças. O JN mudou o cenário, aproximou as câmeras, a linguagem tornou-se mais conversada e pausada, os apresentadores interagem em pé com o telespectador e com os repórteres através de um plasma e utilizam das redes sociais para corrigir erros e para utilizar vídeos amadores em reportagens.

Capítulo 2- Gêneros textuais e Gêneros Jornalísticos

Neste capítulo serão abordados conceitos de gênero textual e gênero jornalístico. Percorre em linhas gerais sobre os pressupostos de Schneuwly & Dolz (2004) quanto à teoria dos gêneros textuais e pesquisadores que se voltam ao campo da comunicação retratando os gêneros jornalísticos, entre eles José Marques de Melo e Francisco de Assis.

O jornalismo tem se convertido em objeto de relação acadêmica, dialogando com a Linguística Aplicada. O desafio é compreender os sentidos da linguagem e, então, entrar pelas portas do conhecimento através deste estudo.

2.1- Gêneros textuais

Os gêneros textuais existem em número incontável, pois é por meio da prática de linguagem e pelas relações sociais e culturais que eles se constituem e se estabelecem, principalmente, na atualidade, com o uso de novas tecnologias. Segundo Schneuwly & Dolz (2004, p.52), os gêneros textuais são “instrumentos criados para agir em situações de linguagem e uma de suas particularidades é o fato de serem constitutivos da situação”. Ainda segundo os autores, os gêneros são instrumentos culturais, visto que servem como mediadores nas interações indivíduos-objetos e são um instrumento didático, pois agem na articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares.

Os autores dissertam em vários textos com outros pesquisadores, a exemplo do trabalho assinado por Dolz, de Gagnon e Decândio (2010), no qual afirma que uma língua natural só é aprendida por meio de produções verbais efetivas, que tomam formas muito diversas em função das situações de comunicação que se inscrevem; concluem que essas realizações empíricas diversas, “produções verbais situadas” orais ou escritas são chamadas de textos (BRONCKART *apud* DOLZ, GAGNON e DECÂNDIO, 2010.p.39) e que nos comunicamos por meio deles, e não por meio de frases isoladas.

Assim:

... um gênero é um pré-construto histórico, resultante de uma prática e de uma formação social. A aprendizagem da língua oral e escrita se faz pela confrontação com um universo de textos que já nos são “dados de antemão”. É uma apropriação de experiências acumuladas pela sociedade (DOLZ, GAGNON e DECÂNDIO, 2010.p.40).

Schneuwly & Dolz (2004), com base em Bakhtin, ao falar dos gêneros, os resumem da seguinte maneira:

- cada esfera de troca social elabora tipos relativamente estáveis de enunciados: os gêneros;
- três elementos os caracterizam: conteúdo temático, estilo e construção composicional;
- a escolha de um gênero se determina pela esfera, as necessidades da temática, o conjunto dos participantes e a vontade enunciativa ou intenção do locutor.

E continuam afirmando que três elementos são centrais nessa definição:

- 1- Há a escolha de um gênero, em função de uma situação definida por um certo número de parâmetros: finalidade, destinatários, conteúdo, para dizê-lo na nossa terminologia.
- 2- Esta base chega à escolha de um gênero num conjunto de possíveis, no interior de uma esfera de troca dada, num lugar social que define um conjunto possível de gêneros.
- 3- Mesmo sendo “mutáveis, flexíveis“, os gêneros têm uma certa estabilidade: eles definem o que é dizível (e inversamente: o que deve ser dito define a escolha de um gênero); eles têm uma composição: tipo de estruturação e acabamento e tipo de relação com os outros participantes da troca verbal. Ou seja, um plano comunicacional. Para finalizar, são caracterizados por um estilo, que deve ser considerado não como um efeito da individualidade do locutor, mas como elemento de um gênero.

De acordo com os autores, há visivelmente um sujeito, o locutor-enunciador, que age discursivamente numa situação definida por uma série de parâmetros, com a ajuda de um instrumento que é um gênero, um instrumento semiótico complexo, isto é, “uma forma de linguagem prescritiva, que permite, a um só tempo, a produção e a compreensão de textos” (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p. 26).

Schneuwly & Dolz (2004) definem dimensões para os gêneros ainda embasados por Bakhtin, dividindo-os em: primários - que se constituíram, em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea; e secundários - que aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e evoluída. Numa concepção vygotskiana retratam como os gêneros secundários são importantes para o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos indivíduos. Em contrapartida, definem que os gêneros primários se bastam a si mesmos; funcionam como que por reflexo ou automatismo, determinando a forma da ação como um todo único.

Com base nos dados comparados acima, é possível refletir que o telejornal de hoje, da maneira que tem sido feito, mais informal, com linguagem conversada, utilizando recursos tecnológicos, vídeos amadores, entre outros; estabelece uma fusão entre os gêneros primários e secundários.

Em relação aos gêneros de texto, Bronckart (2006) considera, como inúmeros outros autores, que todo indivíduo de uma determinada comunidade linguística, ao agir com a linguagem, é confrontado permanentemente com um universo de textos pré-existentes, organizados em “gêneros”, que se encontram sempre em um processo de permanente modificação e que são em número teoricamente ilimitado. Desde o momento do nascimento, a exposição contínua aos gêneros vai construindo nos leitores e nos produtores um conhecimento intuitivo das regras e das propriedades específicas de diferentes gêneros, mesmo que de forma não consciente ou sistemática. Essas regras e propriedades acabam por ser apropriadas e, como em todos os processos de aprendizagem social, acabam por sofrer modificações contínuas.

Schneuwly & Dolz (2004) apresentam como parâmetros para a escolha dos gêneros a finalidade do uso, os destinatários e o conteúdo temático do texto. O sujeito chega a uma decisão num conjunto possível de textos e que é denominado,

por Bronckart (2006, p.126), de “arquitexto de uma comunidade languageira”. Assim que escolhe o gênero a utilizar na interação, o adapta e o coloca em uso. Portanto, o gênero de texto é adaptado às atividades praticadas, e por isso “é um instrumento”, conforme definição dada por Schneuwly e Dolz (2004).

Bronckart (2006) afirma que, enquanto os gêneros textuais são definidos como uma unidade comunicativa, socio-historicamente elaborada com os recursos de uma dada língua natural e estreitamente dependente das diversas exigências interativas das situações de atividade geral, os tipos de discurso são unidades linguísticas em número restrito, suscetíveis de entrar na composição de qualquer gênero; estas unidades mostram o que Genette (1986 *apud* BRONCKART 2006) qualifica como atitudes de locução, com caráter universal, chamadas no Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) de mundos discursivos. Ainda no nível da infraestrutura textual, Bronckart (1999) propõe uma outra forma de planificação que são as sequências. Diferentemente dos tipos de discurso, essas sequências podem ou não estar presentes, aparecem geralmente combinadas e dividem-se em: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa, injuntiva e dialogal. Além disso, o autor apresenta o *script* ou grau zero da planificação dos segmentos da ordem do “narrar”, que são os acontecimentos ou as ações constitutivas da história, simplesmente dispostos em ordem cronológica, sem que essa organização linear registre qualquer processo de tensão. O *script* organiza o conteúdo temático em uma ordem cronológica de acontecimentos narrados que são mais frequentes nos relatos.

A linguagem não é (somente) um meio de expressão de processos que seriam estritamente psicológicos, mas que é, na realidade, o instrumento fundador e organizador desses processos, em suas dimensões especificamente humanas. Isso significa dizer que, no homem, as funções *psicológicas superiores* e as *condutas ativas* que a elas estão associadas são o resultado da *semiotização* de um *psiquismo primário*, herdado da evolução (BRONCKART, 2006, p.122).

Desta forma, Bronckart (2006), aborda de forma global e tendencialmente unificada do fundamento psicológico, tomando como unidades de análise a linguagem, as condutas ativas (ou o agir) e o pensamento consciente. O autor

apresenta o ISD como uma abordagem que concebe a linguagem como um fenômeno social e histórico, uma “produção interativa associada às atividades sociais, sendo ela um instrumento por meio do qual os interactantes, institucionalmente, emitem pretensões à validade relativas às propriedades do meio em que essa atividade se desenvolve” (BRONCKART, 1999, p.34).

De acordo com Bronckart (1999), o ISD compartilha de três princípios do Interacionismo Social. O primeiro diz respeito à problemática da construção do pensamento humano consciente e o fato de que essa problemática deve ser tratada paralelamente à construção do mundo, dos fatos sociais e das obras culturais. Quanto ao segundo princípio, ele questiona que as Ciências Humanas devem apoiar-se na filosofia (de Aristóteles a Marx) e preocupar-se ao mesmo tempo com questões de intervenção prática. O terceiro princípio apoia-se nas problemáticas centrais de uma ciência do humano, acreditando que elas implicam relações de interdependência entre os aspectos psicológicos, cognitivos, sociais, culturais, linguísticos e também os processos evolutivos e históricos.

Considerando a ideia defendida por Vygotsky, segundo a qual a linguagem tem papel fundamental no desenvolvimento das funções psicológicas superiores dos seres humanos, o grupo de pesquisadores do ISD dedicou-se ao estudo do funcionamento dos textos/discursos, bem como ao processo de sua produção. Nesse sentido, ISD tem como unidades de análise: a linguagem, as condutas ativas e o pensamento consciente.

As interações sociais, mais especificamente verbais, segundo Bronckart (1999), regulam e medeiam a cooperação dos indivíduos na atividade, constituindo o que Habermas (1987 *apud* Bronckart, 1999) designa como o agir comunicativo. Sendo assim, o ISD se apropria do conceito de Habermas do “agir comunicativo” e o que denominou mundos representados. Nesse sentido, a língua é tida como uma organização social que, por meio de uma construção histórica permanente, estrutura-se a partir de signos, os quais são postos em uso na representação de três mundos. São eles:

- 1) o mundo objetivo no qual há representações pertinentes sobre os parâmetros do ambiente;

- 2) o mundo subjetivo que representa as características próprias de cada um dos indivíduos engajados na tarefa;
- 3) o mundo social o qual constitui a maneira de organizar a tarefa.

Juntos, esses mundos representam o contexto da atividade social. Segundo Bronckart (1999), por meio da diversidade das semantizações dos mundos representados, tem-se a variação da cultura. Isso acontece porque os grupos humanos estão separados geograficamente, são de ramos diferentes, estabelecem relações com o mundo diferentes, fazendo com que cada língua tenha uma semântica própria e com isso, através da semântica própria de cada língua, os mundos representados sejam construídos. Nesse sentido, a variação da cultura forma uma comunidade verbal que constitui múltiplas formações sociais. Estas, com objetivos e interesses próprios elaboram particularidades de funcionamento da língua, o que equivalem ao conceito de formações discursivas, que Bronckart utiliza de Foucault, denominadas de formações sociodiscursivas. A partir disso, as representações são organizadas e semiotizadas, dando lugar à atividade de linguagem, e esta se organiza em discursos ou textos, que se constituem, conseqüentemente, em gêneros.

2.2- Gêneros Jornalísticos

De acordo com Marques de Melo & Assis (2013, p.21), entende-se que o trabalho jornalístico, conforme os padrões preestabelecidos, subdividem-se ao menos em dois estágios complementares: os gêneros e os formatos. Desta forma, os autores partem do pressuposto de que os gêneros jornalísticos e suas extensões só têm sentido se forem inseridos no ambiente que lhe é peculiar, ou seja, “os suportes tecnológicos e as engrenagens produtivas que permitem o fluxo das mensagens concebidas, produzidas e difundidas pela corporação jornalística”, o que inclui, os mecanismos de interação com o público-alvo – leitores, radiouvintes, telespectadores, internautas, etc.

Conforme os pesquisadores, baseados em Bakhtin, os fatores que determinam a configuração dos gêneros comunicacionais são os estilísticos (formas

de expressão individuais e coletivas) e orgânicos (adequação funcional às esferas da atividade humana), tais como a produção científica, os documentos empresariais e/ou as matérias jornalísticas. Na concepção de Melo e Assis (2013), os gêneros jornalísticos fazem parte de uma “constelação” maior ainda, que se denominam gêneros midiáticos, determinados por suportes tecnológicos, ou seja, meios de comunicação. Sobre gênero midiático, McQuail¹⁴, afirma ser uma “categoria de conteúdo” e apresenta 4 características comuns a este:

- a) “identidade coletiva”, capaz de ser reconhecida tanto pelos produtores quanto consumidores;
- b) relação dessa identidade com a sua função explícita (forma e conteúdo);
- c) permanência desta identidade através dos tempos;
- d) estrutura narrativa ou um ordenamento sequencial previsível.

Segundo os autores, isso significa que os gêneros devem ser considerados como artifícios auxiliares para a indústria midiática na produção de conteúdos em sintonia com as “expectativas” da audiência. Para Marques de Melo & Assis (2013), a teoria dos gêneros midiáticos se apropria de conceitos de diferentes correntes, entre elas: o funcionalismo e a teoria crítica.

O funcionalismo faz dos gêneros uma espécie, segundo os autores, de:

...“cavalo de batalha”, à medida que eles se estruturam refletindo as funções sociais básicas assimiladas pelos meios de comunicação e atualizadas de acordo com as transformações sociais. Assim sendo, seus conteúdos são moldados por categoriais funcionais (entre elas o jornalismo) que se reproduzem em classes (ou gêneros), por sua vez organizadas em formas de expressão com certas características comuns (formatos) e subdivididas em espécies (tipos). (MELO; ASSIS, 2013, p.26).

¹⁴ Denis McQuail é um teórico norte-americano da comunicação de massa, professor emérito da Universidade de Amsterdã, na Holanda, e professor visitante no Departamento de Política na Universidade de Southampton, na Inglaterra. Desde 2006, o mestre dá nome ao Prêmio Ascor Denis McQuail, criado em sua homenagem e que é concedido anualmente ao melhor artigo sobre teoria da comunicação pela Amsterdam School of Communication Research (Ascor). Entre os livros publicados está o: Teorias da Comunicação de Massa, também em e-book, e Atuação da Mídia.

As principais funções midiáticas foram resumidas por McQuail *apud* Marques de Melo & Assis (2013.p.26) e, são elas:

- *informação*: a mídia provém dados sobre acontecimentos e situações, indica relações de poder, facilita inovação, adaptação e progresso;
- *correlação*: interpreta significados, socializa valores, sugere consenso e prioriza rumos;
- *continuidade*: reforça a cultura hegemônica; fortalece e preserva valores consensuais;
- *entretenimento*: provém distração, diversão e relaxamento; reduz tensões sociais;
- *mobilização*: respalda ações coletivas, embasadas na decisões de cidadania ou de consumo.

Com isso, a teoria funcionalista, como revelam, mostra que os *media* e o jornalismo, não cumprem uma única função e muito menos restringem sua capacidade produtiva a apenas um modo de tratar os acontecimentos. Já a teoria crítica, segundo os autores, encara os gêneros como um “mal necessário”, servindo como um certo mistificador do “iluminismo” almejado pela indústria “cultural”, que se vale de múltiplas táticas, entre elas a *estereotipação*.

Marques de Melo & Assis (2013), afirmam que os estereótipos são indispensáveis para antecipar as experiências da realidade social vivenciada pelos receptores. Ela amplia suas formas, características, entre outros; além disso, possibilita que a audiência, consciente ou inconsciente, identifique as diferentes mensagens a ela endereçadas. Os autores citam que, na imprensa, o vestígio mais claro da ação do estereótipo consta nos manuais de redação, que ditam como se proceder na elaboração de matérias para um veículo ou rede.

Desta forma, Melo & Assis (2013), explicam que os gêneros e suas subdivisões são formas relativamente rígidas, fixas, que definem o modelo de atitude do espectador, antes dele se questionar sobre qualquer conteúdo característico.

... *gênero jornalístico* é a classe de unidades da comunicação massiva periódica que agrupa diferentes formas e respectivas espécies de transmissão e recuperação oportuna de informações da atualidade, por

meio de suportes mecânicos ou eletrônicos (referidos como mídia), potencialmente habilitados para atingir audiências anônimas, vastas e dispersas (MARQUES DE MELO & ASSIS, 2013,p.30).

Conforme os autores duas características básicas definem um gênero: aptidão para agrupar diferentes formatos e sua função social. Desta forma, temos o seguinte panorama dos gêneros jornalísticos e funções:

- informativo;
- opinativo;
- interpretativo;
- diversional;
- utilitário.

As cinco vertentes são o motivo de ser do trabalho da imprensa, que, de acordo com os autores, foi se construindo ao passo do próprio desenvolvimento da sociedade. Já os formatos jornalísticos são classificados ou distribuídos por Marques de Melo (2009), da seguinte forma:

- a) Gênero informativo: nota, notícia, reportagem e entrevista;
- b) Gênero opinativo: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta e crônica;
- c) Gênero interpretativo: análise, perfil, enquete, cronologia, dossiê;
- d) Gênero diversional: história de interesse humano e história colorida;
- e) Gênero utilitário: indicador, cotação, roteiro e serviço.

Seixas (2013) retrata os estudos de gênero e os formatos por outra perspectiva, pois descreve que com a diversidade de composições, torna-se clara a existência da diferença entre formato e gênero. Um mesmo gênero pode ter vários formatos, a exemplo da reportagem e entrevista. Segundo a autora, dividir gêneros jornalísticos em informativo, opinativo, interpretativo, embora aponte finalidades, não dá conta das funções da instituição e seu papel social. E, continua afirmando que o jornalismo procura conhecer não só fatos, ocorrências, acontecimentos, mas também pessoas, cidades e situações. De acordo com Seixas, os estudos de

gêneros jornalísticos revelam que as teorias investem e acreditam mais na compreensão da ocorrência, que, embora seja o principal objeto, não é o único na realidade da prática jornalística. E afirma:

Com a mídia digital e a conseqüente convergência de linguagens, os estudos de gênero se assustaram ao mesmo tempo em que ganharam holofotes. A multimídia atordoou o mercado, e a diversidade de formatos confundiu a academia. Os estudos de gênero ganharam valor. Precisava-se explicar que haviam nascido novos gêneros jornalísticos (SEIXAS, 2013.p.82)

2.3- Telejornalismo

Partindo dos estudos sobre gêneros, Temer (2010) define que o telejornal é um dos programas facilmente identificados na grade das emissoras brasileiras. Um gênero, segundo ela, consolidado, apontado como detentor de uma linguagem audiovisual que o torna facilmente reconhecido. O telejornalismo se caracteriza por ser o jornalismo na televisão e, desta forma, deve manter os mesmos princípios éticos e de valor do jornalismo, atividade que compreende como principal função divulgar informações factuais.

Temer conceitua que o telejornalismo deve manter os mesmos princípios éticos do jornalismo, atividade que consiste em lidar com a notícia, com a divulgação de informações factuais. Em uma linguagem bem simples tem como prática, coletar informações sobre eventos atuais, redigir, editar e publicar estas informações de forma adaptada aos limites da televisão. É uma atividade social que busca atender, a partir de limites éticos já definidos, parte da essência do que é ser humano: “a curiosidade do ser humano de saber sobre outros homens” (TEMER, 2010.p.103).

A autora diz, que na televisão, a transmissão de informações é caracterizada por usar todos os artifícios técnicos possíveis para conquistar e reconquistar seu público, com investimento, em sua grande maioria, no sensacionalismo e na espetacularização da informação. Tudo pela audiência, que é, segundo Temer (2010), a própria razão de ser do telejornalismo. Ela complementa:

O telejornalismo, portanto, diz respeito à informação verdadeira, de interesse público e do interesse do público, podendo ser definido como um

processo social que se articula na relação periódica e oportuna de divulgação de informações (fatos e opiniões) como uma prática social mediadora entre os fatos e o público, com o objetivo de facilitar o conhecimento e o entendimento destes fatos. Um gênero televisivo que, ao mesmo tempo em que tem personalidade e função própria, se entrelaça com os demais gêneros televisivos em uma relação de mútua dependência e de contaminação (TEMER, 2010,p.105).

Temer (2010) cita que, quando se fala em telejornalismo, existem duas possibilidades de análise: o telejornalismo como gênero televisivo ou o telejornalismo como uma extensão da categoria jornalismo, que abriga, como vimos, diversos gêneros. A autora se detém sobre a primeira análise.

Os gêneros atuam como “sistemas de orientação, expectativas e convenções que circulam entre a indústria, o texto e o sujeito”, que fornecem antecipadamente ao receptor um contexto interpretativo, controlando ideologicamente as reações da audiência. Os gêneros definidos no interior dos veículos midiáticos são formados a partir de macro articulações de categorias semântica, de tal forma que cada gênero compõe-se de uma “gramática de ações”, de maneiras como o sentido e o pensamento é treinado para efetuar a leitura dos meios (MARTÍN-BARBERO & REY, 2001, p.298).

Temer & Tondato *apud* (TEMER 2010, p.107) definem que gênero é uma convenção, mas é também um fenômeno social de caráter dinâmico, pois evoluem em função da tecnologia e da relação de mercado com o consumo cotidiano. Ainda segundo as autoras, analisar os gêneros televisivos é ultrapassar a divisão entre análise do produto televisivo e análise dos contextos sociais de sua produção ou de sua recepção. Ressalva que este gênero é uma expectativa, pois é sempre um ideal que se concretiza nos programas exibidos pelas emissoras de televisão.

Temer (2010) diz ainda que, o jornalismo é também um serviço público, um espaço que dá credibilidade à emissora, informa, expõe opiniões dos seus controladores, o que interfere na vida política e social do país. Desta forma, segundo a autora, o telejornalismo, enquanto gênero e enquanto “produto televisivo”, ao mesmo tempo em que garante audiência seletiva, é um espaço de visibilidade da própria emissora. Mais do que trazer informações, “o jornalismo nacional é o local da participação simbólica do indivíduo na sociedade” (TEMER, 2010, p.109).

A televisão, enquanto veículo trabalha a partir da emoção e organiza, de acordo com seu conteúdo convidando para a dramatização (BOURDIEU *apud* TEMER, 2010, p.110).

A informação no telejornal, em seu decorrer, se apresenta em camadas sobrepostas com a diluição da imagem na tela em diferentes elementos: a imagem principal do fato; a imagem do apresentador narrando o fato; e imagens secundárias – texto legenda da própria notícia, o crédito dos repórteres e dos entrevistados, as vinhetas e, em alguns casos, efeitos especiais e chamadas de outros programas. O som também pode ser diluído, a narração se sobrepondo ao som de fundo, ao *background* sonoro que remete ao local de onde o fato aconteceu, e outras interferências sonoras eventuais (TEMER, 2010).

De acordo com a autora, e devido ao conhecimento que tenho na área, o telejornalismo é resultado de um trabalho fragmentado, com diferentes profissionais atuando em conjunto ou individual, em ritmo acelerado. As imagens transmitidas pela televisão são uma reconstrução da realidade a partir dos pontos de vista do repórter, do cinegrafista, do editor de texto e vídeo, entre outros que auxiliam na montagem do material.

O telejornal transforma a organização espacial e temporal da vida social, criando novas percepções sobre a realidade, gerando uma nova intimidade com pessoas e lugares antes distantes e desconhecidos. O telejornalismo é uma forma diferenciada de ação e de interação no mundo social, pois determina novos tipos de relações sociais e novas maneiras do indivíduo entender e relacionar-se com o mundo e com ele mesmo. O receptor constrói parte da vida “emocional” por meio do que aprende nesta mídia (TEMER, 2010, p.112).

A produção para televisão oscila entre dois objetivos: informar e divertir (DUARTE *apud* TEMER, 2010, p.113). Desta forma, prossegue Temer (2010), os assuntos se sucedem sem ordem aparente e, cada matéria é tratada como uma unidade e valorizada em função das cenas e das informações novas.

De acordo com estudos, teóricos da área e com a prática, é possível detalhar a estrutura de um telejornal, de acordo com uma sequência que possibilita a organização e ordenação das notícias. Nesta configuração temos:

Na edição:

- a) Vinheta: o que marca a abertura ou intervalo do telejornal. Alguns eventos importantes também merecem vinheta;
- b) Escalada: são as manchetes do telejornal, sempre no início de cada edição. Serve para prender a atenção do telespectador e informar quais serão as principais notícias daquela edição;
- c) Passagem de bloco: quando os apresentadores informam no final do bloco qual a notícia a seguir, após o intervalo comercial;
- d) Encerramento: quando o repórter aparece no final da matéria ou quando os apresentadores se despedem do telespectador;
- e) Matérias: reportagens, ao vivo (links) ou gravadas, contendo: passagens (gravação feita pelo repórter no local do acontecimento. Neste momento ele aparece na matéria), nota pé (texto lido ao final da matéria com informações complementares), cabeças (informação básica sobre o tema), sonoras (fala do entrevistado na matéria), *offs* (texto gravado pelo repórter), notas (simples ou cobertas cuja a cabeça é lida pelo apresentador e o texto seguinte é coberto por imagens), comentários, entrevistas.

Na Linguagem:

- a) imagem: enquadramento, movimento, videografismo, cenários;
- b) som: ambiente, voz, músicas, ruídos, silêncio.

Nos Autores:

- a) apresentadores: narram, anunciam a notícia, ou âncoras que comentam a notícia, dão opinião;
- b) repórteres: atuam com elaboração de matérias, entrevistas, redação de textos, fazendo a cobertura de eventos, coletivas e etc.;
- c) comentaristas/especialistas: profissional da área de comunicação ou outras áreas específicas, que se pronunciam sobre determinado assunto;
- d) locutores impessoal: apresenta as notícias.

O apresentador, inicia o telejornal com a escalada e é responsável por conduzir

todo o jornal de tevê. É ele quem introduz o repórter, que por sua vez “abre espaço” para os entrevistados, evidenciando o nível hierárquico de cada um deles dentro do telejornal. Neste modelo, segundo Temer (2010), cada participante tem um papel ou uma representação determinada - o apresentador (sozinho ou em dupla) é uma espécie de fio condutor, simbólico, ou personagem principal que delimita o espaço dos demais personagens. Ainda de acordo com a autora, o apresentador assume *personas*, que desempenham funções de autoridade simbólica e possuem a onisciência dos fatos. O papel que tende a ser exercido pelo editor do telejornal trabalha, conforme Temer (2010), a partir de elementos de identificação com o público, dando ao receptor/telespectador a sensação de que está recebendo um visitante ilustre, uma personalidade que agrega *status* na sala da casa.

O conteúdo da fala dos telejornalistas é sempre claro e simples, com uso restrito da variedade linguística, além de contar com a predominância de verbos que remetem a ideia de ação e uma nítida preocupação com os tempos verbais no presente (TEMER, 2010, p.115).

A credibilidade do telejornal é influenciada diretamente pela confiança que os telespectadores depositam nos apresentadores. Os apresentadores do telejornal, diferentemente dos profissionais que desempenham este papel em outros gêneros, constroem sua imagem numa constante tensão entre a exigência de “objetividade” e imparcialidade da prática jornalística, a autopromoção e a glamorização inerentes à tevê.

Entender o jornalismo exige compreendê-lo a partir da lógica enquanto gênero televisivo, com uma lógica produtiva diferenciada, um discurso interno elaborado e uma expectativa de conteúdo. Desvendar os gêneros televisivos é também entender, ainda que parcialmente, esse contato interminável entre as emissoras e a sociedade da qual elas fazem parte (TEMER, 2010, p.120).

Capítulo 3 - A Conversação e a Relação Interpessoal

A conversação está cada vez mais incorporada pelo telejornalismo e sua utilização tem levantado hipóteses e compreensões no que se refere à relação interpessoal. O ato de conversar faz parte da nossa rotina, está presente nas relações com o outro, com as instituições, com as tecnologias, nos espaços sociais e também na televisão.

Este capítulo abrange os aspectos conversacionais e a relação interpessoal de acordo com a análise da conversação, seguindo os pressupostos linguísticos de Kerbrat-Orecchioni (2006) e Marcuschi (1997).

3.1- Conversação e Interação

Segundo Marcuschi (1997, p.14), a conversação é a prática social mais comum no dia a dia das pessoas e o gênero básico da interação humana. Desenvolve o espaço privilegiado para a construção de identidades sociais no contexto real, sendo uma das formas mais eficientes de controle social imediato, “exigindo uma enorme coordenação de ações que transcendem a simples habilidade linguística dos falantes”.

O autor avalia que quando conversamos, normalmente o fazemos com perguntas e respostas, ou então com asserções e réplicas, observando cinco características: interação entre pelo menos dois falantes; ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; presença de uma sequência de ações coordenadas; execução numa identidade temporal; e, envolvimento numa “interação centrada”. Para o autor, a conversação seria uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum. Completa que a interação face a face não é necessária para que haja uma conversação, mas a interação centrada é indispensável, pois o acompanhamento linguístico das ações físicas não caracteriza a conversação (GOFFMAN, 1976 *apud* MARCUSCHI, 1997).

Kerbrat-Orecchioni (2006), afirma que, para que haja a interação e que a mesma seja validada, existem alguns elementos fundamentais:

- a) o emissor: deve indicar que está falando com alguém pela orientação do corpo, direção do olhar ou produção e forma de tratamento; deve estar atento aos tipos de “captadores” e eventualmente corrigir falhas da escuta ou problemas de compreensão por meio do procedimento **fático** – aumento da intensidade vocal, das retomadas ou das reformulações- , dos quais se vale o falante a assegurar da escuta de seu destinatário.
- b) o receptor: deve produzir sinais que confirmem ao falante que de fato está atento no circuito comunicativo. Esses **reguladores** - sinais de escuta - têm realizações diversas - não verbais ou verbais – e significações variadas. A produção regular desses sinais de escuta é indispensável para o bom funcionamento da troca; experiências provaram que sua ausência acarreta perturbações no comportamento do falante.
- c) a sincronização interacional: as atividades fática e reguladora não são independentes uma da outra, mas sim, solidárias.

A autora chama de sincronização interacional o conjunto desses mecanismos de ajuste, que intervêm em todos os níveis de funcionamento da interação, como o funcionamento dos turnos da fala; os comportamentos corporais dos diferentes participantes da interação e a escolha de temas, estilo da troca, vocabulário utilizado etc., e destaca que “na interação face a face, o discurso é inteiramente “coproduzido”, é o produto de um trabalho colaborativo incessante - esta é a ideia-força que embasa o enfoque interacionista das produções linguísticas” (KERBRAT-ORECCHIONI 2006, p.11).

Kerbrat-Orecchioni (2006) afirma que os meios pelos quais podemos interagir são diversos e nem sempre de natureza linguística. Portanto, distingue as interações como verbais e não verbais e lembra que alguns tipos de trocas comunicativas são mistas, pelo fato de se sucederem ou misturarem. O destaque vai para a interação verbal, aquela que encontramos nas conversações familiares, em entrevistas, debates, trocas didáticas, conferências... A autora cita que a primeira tarefa da análise das interações é tentar fazer o “inventário e a tipologia” a partir dos seguintes critérios: natureza do lugar; número e a natureza dos participantes; objetivo da interação e seu grau de formalidade e estilo. Ademais, as conversações de forma

resumida, para Kerbrat-Orecchioni (2006), constituem em um tipo particular entre interações verbais; consideradas como a forma mais comum e representativa e, as trocas comunicativas reais não são “tipologicamente puras”. No telejornalismo também podemos observar que existem interações verbais e não verbais, como gestos, expressões, formas de posicionar-se. Neste estudo o foco é avaliar as interações verbais, presentes na apresentação do noticiário, nas cabeças das notícias, nas interações entre jornalistas e entre telespectadores. Porém em alguns momentos, as não verbais, também terão destaque.

Tanto para Marcuschi (1997) quanto para Kerbrat-Orecchioni (2006) a conversação apresenta-se como um diálogo, uma sucessão de turnos de fala. Para que aconteça, são necessárias duas pessoas, as quais falem cada uma por sua vez ou em seu turno, em circunstância de face a face ou não; desenrolem uma troca comunicativa qualquer e que seus respectivos enunciados estejam “engajados” de forma mútua.

Marcuschi (1997) afirma que a conversação implica numa interlocução, ou seja, numa troca de palavras de caráter semi-improvisado (temas abordados, ordem dos turnos). Os turnos, produções dos falantes enquanto estão com a palavra, incluindo a possibilidade de silêncio, compõem sequências em movimentos coordenados e cooperativos. Algumas dessas sequências, devido à relação de contiguidade entre elas, são chamadas de “pares adjacentes/conversacional” ou “pares organizacionais”. O par adjacente é uma sequência de dois turnos que ocorrem e servem para a organização local da conversação. Um exemplo, entre outros, é a pergunta-resposta.

Falar um por vez é a regra geral básica, fator disciplinador da atividade conversacional. O sistema básico de operação da conversação é a tomada de turno que é a passagem de um turno a outro e que, segundo Marcuschi 2003 (*apud* CARVALHO 2007, ocorre por dois mecanismos: ou o falante corrente escolhe o próximo falante, e este, toma a palavra iniciando o próximo turno; ou o falante corrente para, e o próximo falante obtém o turno pela autoescolha.

Marcuschi (1997) disserta que a conclusão de um enunciado, a entonação baixa, o olhar fixo por uns instantes, as pausas, o silêncio e as hesitações são organizadores importantes para a transição de um turno a outro. Quando um falante

discursa durante o turno do outro, ocorre a sobreposição de vozes; e se o mesmo for realizado desde o início por várias pessoas ao mesmo tempo, acontece o que é denominado “vozes simultâneas”. Kerbrat-Orecchioni (2006) insere neste pensamento, a interrupção quando um dos falantes toma a palavra enquanto o outro não finalizou o discurso e, essa intrusão, é considerada pela autora, um delito conversacional que diz respeito não ao momento da sucessão, mas à natureza do sucessor: “ é um falante ilegítimo” que se apossa da palavra.

Marcuschi (1997) retrata as correções no ato da fala e compara que ao contrário da escrita que dispomos de mais tempo para correção e de formas fáceis como redigir as palavras, trocá-las, entre outros, na conversação o tempo é real e tudo que se fizer é definitivo. Ademais, os recursos de correção são utilizados e funcionam como um processo de edição ou autoedição conversacional, que contribuem para organizar a conversação no local em que se determina. O falante corrente corrige a si mesmo ou aos parceiros, fazendo reparos sintáticos, lexicais, fonéticos, semânticos ou pragmáticos. Entre os tipos de correção, estão:

- a autocorreção autoiniciada, que é feita pelo próprio falante após a falha;
- autocorreção iniciada pelo outro, é a correção feita pelo falante, mas estimulada pelo outro;
- correção pelo outro ou autoiniciada, quando o falante inicia a correção, mas quem a faz é o parceiro;
- a correção pelo outro e iniciada pelo outro, a qual o falante comete a falha e quem corrige é o parceiro.

De acordo com Marcuschi (1997) e com Kerbrat-Orecchioni (2006), para produzir e sustentar uma conversação, duas pessoas devem partilhar um mínimo de conhecimentos comuns, entre eles, a aptidão linguística, o envolvimento cultural e o domínio de situações sociais. No entanto, o autor distingue dois tipos de diálogos: o simétrico, em que vários participantes têm o mesmo direito à autoescolha da palavra, do tema a tratar e de decidir sobre seu tempo, e o assimétrico, em que um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, dirigir, concluir a interação e

exercer pressão sobre o outro. Este é o caso das entrevistas, inquéritos, da interação em sala de aula e também do telejornalismo.

3.2- A relação interpessoal

Kerbrat-Orecchioni (2006) descreve a relação interpessoal como aquela que se constrói pelo viés da troca verbal, entre os próprios interactantes. Prossegue afirmando que são numerosos e diversos os aspectos derivados do nível relacional, aprofundando-se em dois: o tipo de “distância”, horizontal e vertical, que se instaura entre os interactantes durante a interação e, o funcionamento da polidez. A dimensão da relação horizontal refere-se ao fato de que, na interação, os participantes podem se mostrar mais ou menos próximos ou distantes: o eixo da relação horizontal é um eixo gradual orientado, de um lado, para a distância e, de outro, para a familiaridade e a intimidade.

Para a autora, os meios pelos quais o falante pode exprimir a distância que deseja estabelecer com seu parceiro de interação são amplos e diversos. Cita como exemplo que, se quisermos evitar a instauração de uma relação íntima, espontaneamente tendemos a nos afastar, reduzindo os contatos visuais; esses dados funcionam em rede e cada variável pode ser compensada por outra; agiremos sobre a outra com a finalidade de restaurar o nível desejado de distância e intimidade. Afirma que a distância interpessoal evolui no desenrolar de uma interação e isso pode acontecer em múltiplos ritmos e, segue em maioria, no sentido de uma aproximação progressiva. Descreve que em nossa sociedade a distância é geralmente negociável entre os interlocutores podendo ser explícita ou implícita e, conclui que a relação horizontal é simétrica por natureza.

A relação vertical, segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), ou relação de “poder”, “hierarquia”, “dominação” ou “relação de lugares”, refere-se ao fato de que os participantes em presença não são sempre iguais na interação: um dentre eles pode se encontrar em posição de dominante, enquanto o outro é posto em posição de dominado. Para marcar a relação vertical, dispomos das formas de tratamento, que se difundem em duas subclasses:

- pronomes de tratamento: seu uso recíproco reflete uma relação de igualdade entre os interlocutores; seu funcionamento dissimétrico exprime uma relação fortemente hierarquizada, na qual o tratamento por “você” ocupa posição de dominador e o que usa “senhor(a)”, ocupa posição de dominado;
- nomes de tratamento: conforme o emprego dos títulos e dos termos de parentesco.

Há também a organização dos turnos de fala que se dividem em:

- aspectos quantitativos: referem aos turnos de fala, voltado àquele que fala mais, durante mais tempo e aparece geralmente como quem domina a conversação;
- aspectos qualitativos: considerado anteriormente como a interrupção ou a intrusão e funcionam como taxemas¹⁵ de posição alta. O responsável pela abertura e pelo fechamento das principais unidades conversacionais deve também ser considerado como aquele que ocupa uma posição alta. No caso do telejornal, o apresentador é que inicia e conclui o programa jornalístico.

Os atos de fala, que são os atos de linguagem produzidos durante a interação, segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), constituem a categoria mais rica e mais complexa no conjunto de marcadores verbais que expressam os objetivos pontuais da interação e, principalmente, as relações de lugares.

Para que os atos de fala responsáveis pela relação vertical possam ser atenuados, o falante pode fazer uso dos mecanismos de polidez, que, segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), tem função dada de preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal. A polidez, assim concebida, ultrapassa amplamente as “famosas” fórmulas apreciadas pelos manuais de convivência e etiqueta, pois se

¹⁵ Taxema é um termo introduzido por Kerbrat-Orecchioni para nomear os fatos semióticos de todas as especificidades que contribuem para marcar uma hierarquia entre os interactantes, ou seja, significa a colocação social de cada um na sua relação com o outro.

aplica, segundo a autora, com efeito, aos comportamentos não verbais tanto quanto aos verbais.

Segundo Brown & Levinson (1987 *apud* KERBRAT-ORECCHIONI 2006), a polidez é um meio de conciliar o desejo recíproco da preservação das faces, pelo fato de que a maioria dos atos de fala são potencialmente ameaçadores para uma ou outra dessas faces. Todo indivíduo, conforme os autores, possui duas faces: a face negativa, que corresponde ao que Goffman (1974 *apud* KERRAT-ORECCHIONI 2006) descreve como territórios do eu (território corporal, espacial ou temporal, bens materiais ou conhecimentos secretos...) e a face positiva, que corresponde *grosso modo* ao narcisismo e ao conjunto de imagens valorizadas de si mesmos que os interlocutores constroem e tentam impor na interação. Em qualquer interação com dois participantes, quatro faces se encontram postas em presença. Por outro lado, Kerbrat-Orecchioni (2006) afirma que, ao longo do desenrolar da interação, os interlocutores são levados a realizar um certo número de atos, verbais ou não verbais. A maioria deles constitui-se como ameaças potenciais para uma e/ou para outra dessas quatro faces: de onde deriva a expressão *Threatening Act* proposta por Brown & Levinson e inserida por Kerbrat-Orecchioni em seus estudos, que designa “atos que ameaçam as faces”, popularizada sob a forma de “FTA”. Nessa perspectiva, a linguista divide os atos da fala em quatro categorias:

- 1) atos que ameaçam a face negativa do emissor: exemplo, o caso da oferta ou da promessa, pelas quais se propõe ou se compromete a efetuar um ato suscetível de lesar seu próprio território, num futuro próximo ou distante;
- 2) atos que ameaçam a face positiva do emissor : a confissão, a desculpa, a autocrítica e outros comportamentos autodegradantes;
- 3) atos que ameaçam a face negativa do receptor: perguntas indiscretas, ordem, interpelação, proibição ou o conselho;
- 4) atos que ameaçam a face positiva do receptor: aqueles que colocam em risco o narcisismo do outro, como a crítica, refutação, reprovação, insulto, injúria, chacota, sarcasmo.

Durante a conversação é comum que haja o conflito entre sinceridade e polidez ou conflito interior do mesmo sistema de polidez, entre uma e outra regra constitutivas desse sistema. O exercício da polidez é conciliar à preservação de si e o respeito pelo outro, afirma Kerbrat-Orecchioni (2006). Etimologicamente, polidez tem função de aperfeiçoar os ângulos e polir as engrenagens da máquina conversacional, a fim de preservar seus usuários de graves lesões. A polidez pode ocorrer tanto nos aspectos linguísticos como paralinguísticos da conversação.

Além dos aspectos de polidez, as propriedades do contexto têm influência nas operações de produção dos enunciados assim como na interpretação. Segundo Bronckart (1999, p.93), contexto pode ser entendido como o “conjunto dos parâmetros que podem exercer uma influência sobre a forma como o texto é organizado”. Esses fatores estão reagrupados em dois conjuntos: o lugar e o momento de produção, o emissor e o receptor numa perspectiva de mundo físico; o lugar social, a posição social do emissor, a posição social do receptor e o objetivo de interação, numa perspectiva do mundo sociosubjetivo. Já para Kerbrat-Orecchioni (2006), o contexto ou situação comunicativa, compreende os seguintes elementos:

a) O lugar:

- o quadro espacial: pode ser considerado em seus aspectos puramente físicos; quais são as características do lugar onde se desenvolve a interação, mas também sob o ângulo de sua função social e institucional;
- o quadro temporal: também determinante para a interação onde o discurso deve ser aprimorado ao lugar, mas também ao momento .

b) O objeto: reside na finalidade da interação podendo pré-existir ou ser construído.

3.3- Aspectos Conversacionais em textos que não são conversações

Os discursos de formatura, estudados por Carvalho (2007), serão tratados como exemplo nesta pesquisa, pois trazem características que podem ser aplicadas ao telejornalismo. Ambos, são textos emitidos, no caso do telejornal, pelo apresentador, que em sua maioria são lidos, ou seja, a emissão é oral e a produção

é escrita. Gradativamente, os apresentadores têm feito com que o discurso escrito se aproxime dos textos orais e sejam entendidos com facilidade pelo telespectador. Ademais, o uso da conversação nos programas jornalísticos televisivos também é cultural, variando de uma sociedade para outra e modificando-se em função da relação com aspectos sociais, econômicos, tecnológicos, políticos e culturais, sendo, ao mesmo tempo, uma estratégia para fazer alusão à conhecida audiência.

A autora, de acordo com a teoria de Marcuschi sobre a conversação, afirma que, quando a interação tem início, os ouvintes devem se atentar não só aos fatos linguísticos, mas também aos paralinguísticos, como gestos, olhares, movimentos do corpo, tom de voz, entre outros.

Seguindo os pressupostos de Kerbrat-Orecchioni, sobre a relação horizontal, na qual os participantes se mostram mais ou menos próximos ou distantes, conta que para determinar essa relação há alguns fatores contextuais relevantes, como o grau de conhecimento recíproco, a natureza da relação socioafetiva que os une e a natureza da situação comunicativa (informal, formal, cerimonial). Essa relação pode ser identificada por marcadores verbais e não-verbais.

Neste estudo, o foco são os marcadores verbais, como os pronomes de segunda pessoa, o uso do “você”, os nomes de tratamento que incluem os títulos, o uso do nome ou do apelido, os termos de parentesco, o nível de linguagem, visto que são suficientes para nossos objetivos. Carvalho (2007) nos dá como exemplo que, num discurso de formatura, a natureza da situação comunicativa (formal e solene) do cerimonial de Colação de Grau faz com que o orador se mostre mais afastado de alguns ouvintes que de outros, numa dimensão de relação interpessoal horizontal: a distância social entre os interlocutores é maior quando relacionada ao reitor, ao chefe do departamento e aos professores, e menor quando relacionada aos familiares, convidados e formandos, dada a diferença nas formas de tratamento e nos níveis de linguagem formal e informal.

O orador do discurso de formatura em momentos prega conselhos, em outro, dá ordens aos colegas formandos, marcando a posição de dominador que o orador exerce sobre esses ouvintes. Ato de fala semelhantes não acontecem quando o orador se refere aos professores, porque a posição do orador em relação aos professores é de dominado. O falante¹ pode se colocar em posição de dominador

em relação ao falante 2, quando realiza um ato potencialmente ameaçador para seu território (ordem, proibição, conselho, crítica, refutação, insulto, ironia etc.). O falante 1 se põe em posição de dominado quando sofre um ato ou quando produz algum ato ameaçador para seu próprio território (desculpa, confissão, autocrítica etc.).

Carvalho (2007) descreve que, em certos casos, há alguém que inicie com objetivo definido em questão de tema a tratar e então supõe que outro esteja de acordo para o tratamento daquele tema, o que indica que, além do tema em mente, ele tem também uma pressuposição básica, que é a aceitação do tema pelo outro.

Em suma, a conversação deve acontecer, como visto neste capítulo, segundo a perspectiva dos teóricos, ao mesmo tempo para os falantes e na condição de face a face, ou não. Mesmo assim, toda conversação é sempre situada em alguma circunstância de contexto em que os participantes estão “engajados”.

A seguir, de acordo com as teorias descritas, serão verificadas como a relação interpessoal entre jornalista/jornalista e jornalista/espectador tem se apresentado nessa reformulação, na atual forma do jornalismo de tevê. Serão observados os turnos e atos de falas, as relações e os aspectos conversacionais por meio dos discursos dos apresentadores do JN da *Rede Globo*, trechos esses retirados da *internet* e transcritos.

Capítulo 4- Aspectos conversacionais no telejornalismo

Este capítulo traz a descrição e as características apresentação dos jornalistas do JN, objeto de estudo desta pesquisa, bem como trechos do noticiário retirados da *internet*, por meio dos quais serão verificadas como a relação interpessoal entre jornalista/jornalista e jornalista/espectador tem se apresentado nessa reformulação. Para esta análise, foram selecionados episódios relevantes nos anos de 2005, 2010 e 2015. Estão em análise a escalada do jornal, com temas marcantes do ano, a cabeça de reportagem, geralmente a de abertura do jornal ou continuidade do assunto mais importante da edição, e um trecho do noticiário interativo entre os apresentadores e/ou repórteres. Pela amplitude do contexto foram descritas e analisadas as falas dos apresentadores. Em alguns momentos, as características não verbais também tiveram destaque.

O estudo conta com informações objetivas sobre a estrutura de um telejornal para identificar a escolha dos discursos a serem analisados. Os trechos das apresentações escolhidas têm como apresentadores: William Bonner, Fátima Bernardes e Renata Vasconcellos, os titulares do JN, nos anos supramencionados.

O capítulo encerra com a discussão das análises dos discursos dos apresentadores e suas mudanças, à qual se buscou aplicar as teorias descritas nos capítulos anteriores.

4.1- Procedimentos Metodológicos

Todo telejornal é pensado em conjunto na reunião de pauta e, os assuntos aprovados para a exibição são descritos em um “espelho”, que distribui a lista com as retrancas, nome dado a cada assunto, com uma estimativa de tempo e ordem que o editor chefe julgou mais apropriada, geralmente por ordem de relevância. Segundo Bonner (2009), o espelho tem este nome porque reflete uma filosofia editorial, um plano de voo, uma intenção e, afirma que, montá-lo é tomar decisões. A primeira delas, de acordo com o autor, é sobre qual dos assuntos abrirá a edição, seguida das disposições questionáveis: quanto tempo terá; qual tema lhe fará companhia na subsequência; como será exibido; de que maneira será agrupado; se

terá participação ao vivo; se será uma reportagem ou nota. Tudo isso é refletido no espelho no momento em que é preparado, isso sem contar com as notícias de última hora que podem ser atualizadas no momento em que se apresenta o telejornal.

A cada página de um telejornal damos o nome de *script*, o qual é impresso e entregue a todos os envolvidos na edição. As impressões são compostas de cabeçalhos que indicam o material, por quem foi realizado, a retranca, data e local, com páginas de acordo com a ordem das notícias e separadas por duas colunas. À esquerda são colocadas informações da natureza do material como: VIVO, LINK, VT, NOTA e, à direita, o nome do apresentador que lerá a cabeça da reportagem ou que dará a notícia e as especificações. Abaixo segue exemplo de script que será utilizado para as análises:

RETRANCA: DATA: TEMPO TOTAL:	APRESENTADOR/ REPÓRTER:
<p>VIDEO</p> <p>NESTE ESPAÇO DEVE SER INDICADO O BLOCO, COMO SERÁ O MATERIAL EXIBIDO, O ENQUADRAMENTO QUE SERÁ DADO, CÂMERAS QUE OS JORNALISTAS DEVEM OLHAR, AS DEIXAS PARA SE INICIAR UM NOVO TURNO DE FALA, BEM COMO OS CRÉDITOS DA REPORTAGEM E DOS ENTREVISTADOS.</p> <p>Exemplo:</p> <p>VIVO</p> <p>RODA VT TEASER DIN: "Uma série de explosões DF: "...Bin Laden".</p> <p>CÂMERA 01</p> <p>GC: Luís Fernando Silva- repórter</p> <p>SOB SOM</p> <p>RODA VINHETA</p>	<p>AUDIO</p> <p>O ÁUDIO DEVE SER DESCRITO SEMPRE DO LADO DIREITO DO ROTEIRO, ALINHADO À ESQUERDA E NA DIREÇÃO DA IMAGEM CORRESPONDENTE. NÃO SEPARA PALAVRAS DE UMA LINHA PARA OUTRA E NEM ABREVEIA. NÚMEROS DEVEM SER ESCRITOS POR EXTENSO.</p> <p>NESTE ESPAÇO DEVE SER INSERIDO O NOME DO APRESENTADOR QUE VAI LER E O TEXTO ABAIXO.</p> <p>DEVE SE ESCREVER TUDO EM CAIXA ALTA COM ESPAÇAMENTO ADEQUADO PARA SER EM TORNO DE 3 SEGUNDOS CADA DUAS LINHAS.</p> <p>EXEMPLO:</p> <p>FÁTIMA 07 DE JULHO DE 2005//</p> <p>WILLIAM OS PAÍSES MAIS RICOS DO MUNDO REALIZAM ENCONTRO DO G8 NA GRÃ-BRETANHA//</p>

Na primeira parte do *script* está a abertura do telejornal, formada por uma escalada, onde as manchetes são narradas de forma a atrair a atenção do telespectador. É neste momento que os apresentadores aparecem dizendo frases impactantes sobre os principais assuntos daquele dia.

O tamanho ou duração de uma escalada varia e normalmente é o editor-chefe quem escolhe quais os temas serão destacados. Pode ser ao vivo ou gravada, com a participação de um ou dois apresentadores alternadamente. Geralmente, a escalada inicia-se com assuntos mais fortes e importantes até chegar a temas mais leves. A narração pode ou não ser coberta por imagens.

Na sequência, vem a reportagem que abre a edição do telejornal e os temas destacados até o encerramento. Em algumas edições, devido aos acontecimentos e interesse editorial, são feitas coberturas especiais, no caso do JN, como a da morte do Papa João Paulo II, as Copas, os desastres ambientais do Morro do Bumba no Rio de Janeiro, entre outras.

Em um artigo publicado por Coutinho (2003), sobre os critérios editoriais em telejornalismo a autora afirma que:

[...] a existência de conflito social, real, seria um dos aspectos definidores da geração de uma notícia embora não o único [...]. O produto oferecido aos telespectadores é uma (re) construção da realidade, operada via coleta de imagens, redação de texto, edição cujo poder de verdade, de celebração do fato, é reforçado muitas vezes pela flexão dos verbos no presente do indicativo (COUTINHO, 2003, p. 9).

O avanço que ora se propõe nesta pesquisa é o de comparar, discursivamente, a forma como as notícias são divulgadas pelos apresentadores do JN. Para isso, como explicado acima, foram retirados da *internet* trechos da apresentação deste telejornal, nos anos de 2005, 2010 e 2015, para as análises a partir da conversação e das relações interpessoais que aqui serão retratadas. Os trechos em sua maioria, principalmente os mais antigos, foram retirados do Youtube; outros foram encontrados no acervo digital da Rede Globo. Antes da apresentação do desenvolvimento analítico, bem como a escolha dos trechos, é importante mencionar um breve relato sobre os fatos marcantes dos anos selecionados.

Desta forma, iniciamos com a coleta de dados a partir do ano de 2005, que foi marcado por muitos desastres naturais, atentados terroristas, pela ascensão de um novo Papa, por títulos brasileiros no esporte e crise política no Congresso Nacional. Embora tenha sido declarado como o período mais grave da crise política dos anos

anteriores no Brasil, causado pelo “mensalão¹⁶” e pela forte queda da popularidade do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, de acordo com pesquisa de opinião encomendada pela BBC do instituto *GlobeScan* e pesquisadores da Universidade de *Maryland*, nos Estados Unidos, feita em 27 países e divulgada em 30 de dezembro de 2005, o que mais significou no ano foram as catástrofes naturais.

De acordo com a referida pesquisa, um total de 24% dos quase 32,5 mil entrevistados mencionou o tsunami na Ásia (15%) e os furacões *Katrina* e *Rita* (9%), que atingiram os Estados Unidos como os principais acontecimentos. No Brasil, 17% dos entrevistados mencionaram o tsunami como o principal evento do ano, e 14%, os furacões. Na sequência: a guerra no Iraque, mencionada por 15% dos entrevistados; a morte do Papa João Paulo II e a escolha de seu sucessor com 6%; os atentados a bomba em Londres considerados por 4% dos entrevistados e o aquecimento global, por 3% das pessoas ouvidas na pesquisa.

Segundo os pesquisadores o fato de um grande número de pessoas em diferentes países ter considerado os mesmos eventos como os mais significativos no ano é um sinal do quanto o mundo se tornou globalizado.

Em 2010, no Brasil, foi eleita a primeira mulher presidente do país, Dilma Rousseff; no esporte, a seleção brasileira foi eliminada da Copa do Mundo, conquistada pela Espanha, e; o goleiro Bruno, que atuava no time carioca Flamengo, foi preso sob a acusação de assassinato. Ainda no país, a tragédia das chuvas ocorridas em Angra dos Reis e em Niterói, bem como, o confronto com o tráfico no Rio de Janeiro, ficaram marcados na lembrança dos brasileiros.

No Haiti, na madrugada de 12 de janeiro de 2010, um devastador terremoto matou pelo menos 250 mil pessoas e deixou mais de um milhão de desabrigados. Entre os mortos, Zilda Arns, 75 anos, fundadora e coordenadora da Pastoral da Criança, que integrava missão no país caribenho e cumpria agenda de palestras na

¹⁶ Mensalão é o nome dado ao escândalo de corrupção política mediante compra de votos de parlamentares no Congresso Nacional do Brasil, que ocorreu entre 2005 e 2006. O caso teve como protagonistas alguns integrantes do governo do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, membros do Partido dos Trabalhadores (PT), Popular Socialista (PPS), Trabalhista Brasileiro (PTB), República (PR), Socialista Brasileiro (PSB), Republicano Progressista (PRP), e Progressista (PP). Em agosto de 2007, mais de dois anos após ser denunciado o esquema, o STF (Supremo Tribunal Federal) acatou a denúncia da Procuradoria Geral da República e abriu processo contra quarenta envolvidos no escândalo.

América Central. Os Estados Unidos deram o passo definitivo para encerrar a Guerra do Iraque, retirando suas tropas de combate do país. O ano foi marcado ainda pela comoção em torno dos 33 mineiros soterrados no Chile, que passaram 69 dias presos na mina *San José*.

Mais uma vez, os desastres naturais fizeram o mundo se comover, num cenário de mortes e destruição. O ano de 2010 foi o mais quente da história de registros em termômetro e a natureza passou por todos os extremos. Muitos países enfrentaram, em alguns casos, tragédias ambientais, mais de uma vez ao longo do ano.

O destaque no Brasil foi para o despreparo das autoridades em antever e conter desastres naturais previsíveis. O maior exemplo foi o deslizamento no Morro do Bumba, em Niterói, na noite de 7 de abril. A tragédia brasileira ficou entre as piores enchentes do mundo naquele ano, segundo a BBC- *British Broadcasting Corporation* (Corporação Britânica de Radiodifusão), deixando pelo menos, 150 pessoas mortas.

Em situação semelhante, no ano de 2015, os desastres naturais tomaram conta dos noticiários mundiais; milhões de pessoas saíram da região do Oriente Médio em busca de acolhida em outros países; outros milhares, inclusive crianças, morreram em suas rotas de fuga, que se deu principalmente pelo Mar Mediterrâneo na tentativa de chegar à Europa. Atentados promovidos pelo Estado Islâmico, especialmente à França, deixaram, em novembro, mais de 120 pessoas mortas; já as relações entre Estados Unidos e Cuba foram retomadas.

No Brasil, a economia despencou, o país perdeu a confiança dos investidores, a inflação disparou e o desemprego passou a ser uma temida realidade; milhares de brasileiros saíram às ruas para protestar antigoverno. Na política, dois fatos ficaram em evidência: o processo de *impeachment* contra a presidente Dilma Rousseff e, ao mesmo tempo, a acusação ao presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, por crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. Na saúde, a praga do *Aedes Aegypti* e a epidemia a ele atribuída finalizam o ano com quase 2,5 mil bebês com deformação cerebral.

Nas questões ambientais, o rompimento da barragem em Mariana, Minas Gerais causou impacto de grandes proporções. A lama que jorrou da barragem do

Fundão na cidade, de responsabilidade da mineradora *Samarco*, cujas ações são de propriedade da *Vale e da BHP-Billiton*, matou 15 pessoas. A barragem excedia os limites possíveis de armazenamento de rejeitos de minério de ferro, que destruíram povoados inteiros, manchando o mar do Espírito Santo. Este foi o maior desastre ambiental da história do Brasil e ganhou repercussão em todo o mundo, sendo em alguns países como a França e Estados Unidos, um dos temas mais compartilhados entre os leitores.

4.2- Critérios de Análise

Diante dos fatos marcantes de cada ano a ser analisado, para realizar um comparativo das mudanças e verificarmos o quanto a conversação e a relação interpessoal no gênero telejornal tem mudado no aparente intuito de atrair cada vez mais o telespectador, foram separados os momentos de maior impacto midiático no Brasil e no Mundo. Ao todo, são três momentos do telejornal de cada ano selecionado, portanto, nove análises do discurso dos apresentadores do JN da *Rede Globo*. A escolha pelo *corpus* se deu considerando os seguintes aspectos:

- a) o caráter factual das notícias;
- b) as notícias marcantes do ano.

Entre os principais temas de notícias estão os atentados terroristas e os desastres ambientais. Agregada às análises, foram selecionados momentos de interação, tendo em vista os mais comentados do ano.

DATA	RETRANCA	ESPELHO
07/07/2005	TERRORISMO/LONDRES	ESCALADA
02/09/2005	FURACÃO KATRINA	REPORTAGEM/ ABERTURA
02/04/2005	MORTE/PAPA	ESCALADA INTERATIVA
02/10/2010	ELEIÇÕES/BRASIL	ESCALADA
08/04/2010	DESASTRE/BUMBA	REPORTAGEM/ENCERRAMENTO
07/06/2010	COPA/ÁFRICA	ESCALADA/INTERATIVA
01/05/2015	PROTESTOS/TREMOR NEPAL	ESCALADA

14/11/2015	TERROR/FRANÇA	REPORTAGEM ESPECIAL
03/07/2015	PREVISÃO/TEMPO	PREVISÃO/INTERATIVA

No ano de 2005, um dos temas mais relevantes foi o terrorismo em Londres no dia 7 de julho, quando quatro jovens muçulmanos britânicos deflagraram os explosivos que traziam junto a seus corpos em três vagões do metrô e um ônibus, deixando 56 mortos e mais de 700 feridos de onze nacionalidades. Diante do fato, um dos mais lembrados pela população mundial, foi analisada a escalada deste dia para observarmos a forma que foi reportada. Na sequência, a análise da cabeça da matéria que abriu o JN, de 02 de setembro, sobre o furacão *Katrina*, um dos desastres ambientais que mais comoveu a população e provocou danos substanciais, na história dos Estados Unidos, deixando cerca de 1.863 pessoas mortas, de acordo com pesquisa da BBC. E, por último, foi separada a escalada junto a cabeça de reportagem do JN de 02 de abril, na qual William Bonner apresentou o telejornal, ao vivo, do Vaticano, interagindo com Fátima Bernardes, no Brasil, na cobertura especial sobre a morte do Papa João Paulo II.

Para o ano de 2010, foi escolhida a escalada do JN do dia 02 de outubro, um dia antes das eleições presidenciais do Brasil, que iriam eleger a primeira mulher no poder. A cabeça de reportagem a ser analisada é sobre o desastre ambiental no Morro do Bumba, no Rio de Janeiro de onde Fátima Bernardes apresentou o telejornal, interagindo com William Bonner e, realizou a matéria final da edição, um marco na sua carreira, segundo a jornalista. Por último, a escalada e início da edição de 07 de junho com Fátima Bernardes direto de *Johanesburgo*, na África do Sul, onde aconteceu a Copa do Mundo, cuja edição ficou marcada pela naturalidade de Bonner no momento da interação.

Em 2015, a escalada analisada é de 01 de maio e tem como temas principais o dia do trabalhador no mundo e seus protestos, bem como as descobertas sobre o primeiro terremoto do ano no Nepal, ocorrido em 25 de abril, que resultou em milhares de feridos e mortos sendo o mais violento a atingir o país em 81 anos. A cabeça de reportagem a ser analisada é sobre o atentado terrorista na França, um dos assuntos mais marcantes segundo a população mundial e o que mais mereceu atenção do JN de acordo com Carvalho (2015), se comparado ao maior desastre

ambiental do país, em Mariana, Minas Gerais. Nesta chamada acontece a interação entre apresentador e o repórter correspondente.

Carvalho (2015), disserta que a cobertura do desastre em Minas Gerais nos dias 5, 6, 7 e 8 de novembro, e as notícias dos ataques em Paris nos dias 13, 14 e 15 do mesmo mês foram tratadas de forma diferentes pelos telejornais, entre eles o JN. A *Rede Globo* dedicou, aproximadamente, uma hora e 12 minutos de sua programação, ao longo dos quatro dias analisados, para abordar a pauta nacional. Já, sobre o ataque em Paris, o canal reservou, aproximadamente, três horas e 54 minutos de sua grade para abordar o tema. Além disso, JN e o programa “Fantástico” também tiveram edições dedicadas à pauta.

Por último, será apresentada a interação entre os apresentadores e a repórter Maria Júlia Coutinho, que informa sobre a previsão do tempo, mas a “conversa” neste trecho foi prolongada em outro tema: o racismo. As análises não serão apresentadas cronologicamente, mas, segundo as três categorias de seleção do material previamente definido.

Os discursos estão dispostos em *scripts* e todo o conteúdo foi transcrito, observando a parte técnica como VIVO, VTS, câmeras e principalmente os aspectos conversacionais como os turnos de fala, relação entre os interlocutores, entre os telespectadores, atos da conversação entre outros. O texto apresentado é, em sua maioria, lido pelos profissionais, por meio do *teleprompter*, exceto nos diálogos improvisados.

4.3 - Análises

4.3.1- Das escaladas do JN

Data: 07 de julho de 2005

Apresentação: William Bonner e Fátima Bernardes

Emissora: Rede Globo

ESCALADA JORNAL NACIONAL

DATA: 07/jul./2005

BERNARDES TEMPO TOTAL: 1'21”

APRESENTADOR: WILLIAM BONNER/ FÁTIMA

LINK: <https://www.youtube.com/watch?v=-c6b7TDd6D0>

<p>1º BLOCO VIVO</p> <p>RODA VT TEASER DIN: "Uma série de explosões DF: ...Bin Laden".</p> <p>RODA VT TEASER DIN:" A contagem dos mortos DF: ...e de turistas".</p> <p>RODA VT TEASER DIN:" Líderes mundiais DF: ...ato terrorista".</p> <p>RODA VT TEASER DIN: "No Oriente Médio DF: ...no Iraque".</p> <p>RODA VINHETA</p>	<p>FÁTIMA 07 DE JULHO DE 2005// WILLIAM OS PAÍSES MAIS RICOS DO MUNDO REALIZAM ENCONTRO DO G8 NA GRÃ- BRETANHA// FÁTIMA E O TERROR ISLÂMICO ATACA DE NOVO//</p> <p>WILLIAM NOSSOS REPÓRTERES TESTEMUNHAM UMA QUINTA-FEIRA SANGRENTA//</p> <p>FÁTIMA UMA ONDA DE INDIGNAÇÃO COBRE O PLANETA//</p> <p>WILLIAM POSSÍVEIS ALVOS DE BIN LADEN AUMENTAM AS PRECAUÇÕES//</p> <p>FÁTIMA VEJA TAMBÉM// WILLIAM QUEBRADO SIGILO BANCÁRIO FISCAL E TELEFÔNICO DE ROBERTO JEFFERSON// FÁTIMA A CPI RECEBE NOVOS NÚMEROS DA MOVIMENTAÇÃO FINANCEIRA DE MARCOS VALÉRIO E DAS EMPRESAS DELE// WILLIAM AGORA, NO JORNAL NACIONAL//</p>
---	--

Data: 02 de outubro de 2010

Apresentação: William Bonner e Fátima Bernardes

Emissora: Rede Globo

<p>ESCALADA JORNAL NACIONAL DATA: 02/out./2010 APRESENTAÇÃO: WILLIAM BONNER/ FÁTIMA BERNARDES TEMPO TOTAL: 35" LINK: https://www.youtube.com/watch?v=Vge0NOz_Yw0</p>	
<p>1º BLOCO VIVO</p>	<p>FÁTIMA MENOS DE DOZE HORAS PARA O INÍCIO DA VOTAÇÃO NO BRASIL// WILLIAM E UMA DÚVIDA NA CABEÇA DOS ELEITORES// FÁTIMA QUANDO OS BRASILEIROS SABERÃO QUEM SERÁ O PRESIDENTE DA REPÚBLICA?//</p>

<p>RODA VINHETA</p>	<p>WILLIAM AMANHÃ?// FÁTIMA OU NO DIA 31?// WILLIAM O IBOPE E O DATA FOLHA DIVULGAM AS ÚLTIMAS PESQUISAS DE INTENÇÃO DE VOTOS PARA A PRESIDÊNCIA E OS GOVERNOS ESTADUAIS// FÁTIMA NOSSOS REPÓRTERES MOSTRAM COMO FORAM OS ÚLTIMOS DIAS DE CAMPANHA DOS CANDIDATOS AO PLANALTO// WILLIAM E O QUE O ELEITOR PRECISA SABER PARA EXERCER O DIREITO DO VOTO NESTE DOMINGO// FÁTIMA E VOCÊ VAI VER TAMBÉM OS GOLS DO SÁBADO NO CAMPEONATO BRASILEIRO// WILLIAM AGORA, NO JORNAL NACIONAL//</p>
----------------------------	--

Data: 01 de maio de 2015

Apresentação: William Bonner e Renata Vasconcellos

Emissora: Rede Globo

<p>ESCALADA JORNAL NACIONAL</p>	
<p>DATA: 01/mai./2015</p>	<p>APRESENTAÇÃO: WILLIAM BONNER/ RENATA VASCONCELLOS</p>
<p>TEMPO TOTAL: 1'05"</p>	<p>LINK: https://www.youtube.com/watch?v=T08egRUVm6g</p>
<p>1º BLOCO VIVO</p>	<p>WILLIAM OLÁ, BOA NOITE!</p>
<p>CÂMARA ABERTA</p>	<p>RENATA BOA NOITE!</p>
<p>CÂMERA 01 RODA VT IMAGEM</p>	<p>WILLIAM O JORNAL NACIONAL COMEÇA AGORA COM OS DESTAQUES DESTA SEXTA-FEIRA//</p>
<p>RODA VT IMAGEM</p>	<p>RENATA PRIMEIRO DE MAIO. CENTRAIS SINDICAIS PROMOVEM FESTAS COM MÚSICA EM SÃO PAULO E EM OUTRAS CAPITALS//</p>
<p>RODA VT IMAGEM</p>	<p>WILLIAM O DIA DO TRABALHADOR TEM PROTESTOS NO EXTERIOR. NA GRÉCIA HOVE PASSEATA CONTRA OS CORTES DE GASTOS DO GOVERNO//</p>
<p>RODA VT IMAGEM</p>	<p>RENATA NA TURQUIA A POLÍCIA ATIROU BOMBA CONTRA OS MANIFESTANTES//</p>
<p>RODA VT IMAGEM</p>	<p>WILLIAM</p>

RODA VT IMAGEM	E NA ITÁLIA A VIOLÊNCIA NA MANIFESTAÇÃO CONTRA OS CUSTOS DE UMA FEIRA INTERNACIONAL//
RODA VT IMAGEM	RENATA PASSA DE 6 MIL O NÚMERO DE MORTOS NO NEPAL, E SURGEM IMAGENS INÉDITAS DO MOMENTO EXATO DO TERREMOTO//
RODA VT IMAGENS	WILLIAM SEIS POLICIAIS AMERICANOS SÃO INDICIADOS PELA MORTE DO JOVEM FREDDIE GRAY//
RODA VT IMAGENS	RENATA PERIGO NA SAÍDA DO TRABALHO. BANDO DE LADRÕES CERCAM E ATACAM CIDADÃOS INDEFESOS NO CENTRO DO RIO//
RODA VT IMAGEM	WILLIAM A JUSTIÇA FEDERAL PRORROGA OS CONTRATOS NOVOS DO FUNDO DE FINANCIAMENTO ESTUDANTIL//
CÂMERA ABERTA 2	RENATA E O CAMPEÃO OLÍMPICO ARTHUR ZANETTI RECEBE TREINAMENTO ESPECIAL PARA A ETAPA BRASILEIRA DA COPA DO MUNDO DE GINÁSTICA ARTÍSTICA//
RODA VINHETA	WILLIAM A PARTIR DE AGORA NO JORNAL NACIONAL//

Recorda-se que o objetivo deste trabalho é verificar como a relação interpessoal entre jornalista/jornalista e jornalista/espectador tem se apresentado nessa reformulação. Portanto, veremos como os apresentadores criam, desenvolvem e resolvem conflitos interacionais, de forma que o discurso escrito represente a conversação parecendo espontânea e oral.

A ação da linguagem é uma “base de orientação” para que o autor possa interagir com sucesso, ou seja, escolher corretamente o gênero a ser utilizado para comunicação. Neste caso o telejornalismo para interagir com o telespectador. Para saber que foi bem-sucedido no gênero que escolheu para interação, o emissor deverá saber se o objetivo apontado foi atingido, se foi apropriado aos valores sociais do lugar e se agenciou uma “imagem de si” (BRONCKART, 2003). A mudança do gênero se dá por estas situações de produção, sendo que em cada situação o gênero se apropria de certo modo e pela sua situação histórica. Bronckart (2003) defende que o gênero se modifica ao longo do tempo. No telejornalismo isso tem acontecido devido à queda de audiência, à sociedade global, à tecnologia, as

pesquisas realizadas. Lembrando que a identidade de informar prevalece, mas a linguagem tem se adaptado.

Com base nos aspectos extralinguísticos, será descrito o ambiente imediato de sua unidade discursiva, ou seja, seu contexto, considerando que as propriedades contextuais influenciam na produção do texto (BRONCKART, 2003 *apud* CARVALHO, 2007, p. 100) e, depois, a análise de seus aspectos conversacionais.

Relativo à situação, a apresentação do JN acontece em um estúdio de tevê, fechado, mas que tem ao fundo o funcionamento da redação e produção de jornalismo, com um cenário específico e tecnológico. Desde 2000, quando a Globo comemorava 35 anos, o JN passou por uma completa reformulação. A bancada foi transformada em área de trabalho, com um monitor e um computador, e transferida para um mezanino, construído a três metros e meio de altura do chão. Atualmente a bancada tornou-se mais moderna e os espaços mais amplos, o que permite que os jornalistas circulem livremente pelo estúdio de diversos ângulos.

Os apresentadores se colocam atrás da bancada, sentados, trajando roupas sociais. Os interlocutores (telespectadores) estão face a face com os jornalistas, lembrando que não estão na mesma situação no momento do discurso, pois estão em casa, ouvindo ou em frente à televisão.

Dado o conhecimento e a vinheta de abertura do telejornal, as expectativas são preestabelecidas. O objetivo dos apresentadores é bem definido: mostrar aos telespectadores quais os principais fatos que serão apresentados no telejornal daquele dia. No telejornal, assim como nos discursos de formatura analisados por Carvalho (2007), os textos são emitidos e, em sua maioria lidos, o que significa que a emissão é oral e a produção é escrita.

Analisando as escaladas do JN, podemos fazer um comparativo inicial quanto ao tempo médio de 35 segundos a um minuto e vinte, cada uma. São verbalizadas cerca de 10 frases, em uma sucessão de turnos, ou seja, o que Marcuschi (1997) e Kerbrat-Orecchioni (2006) apresentam como diálogo ou conversação. Nela, o emissor no caso, o apresentador, interage com o telespectador.

Nos três *scripts* descritos acima, podemos perceber logo de início o quanto o discurso em turnos da escalada que inicia o telejornal tem se tornado cada vez mais conversado. Visivelmente um sujeito, o locutor- enunciador, no caso o apresentador,

age discursivamente numa situação definida, por uma serie de parâmetros, com a ajuda do gênero (telejornalismo), ou seja, “uma forma de linguagem prescritiva, que permite a um só tempo a produção e a compreensão de textos” (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p.26). Desta forma, foram retirados trechos para análise.

Em 2005:

FÁTIMA

07 DE JULHO DE 2005//

WILLIAM

OS PAÍSES MAIS RICOS DO MUNDO REALIZAM ENCONTRO DO G8 NA
GRÃ BRETANHA//

FÁTIMA

E O TERROR ISLÂMICO ATACA DE NOVO//

WILLIAM

NOSSOS REPÓRTERES TESTEMUNHAM UMA QUINTA FEIRA
SANGRENTA//

FÁTIMA

UMA ONDA DE **INDIGNAÇÃO** COBRE O PLANETA//

É interessante notar que no decorrer dos anos, o lado formal do jornalismo, seguindo modelo americano, foi se tornando mais oral e interativo. Porém, desde o início é possível observar que os temas seguem as funções sociais, classificados como em maioria informativas e que a todo o momento é possível observar os turnos de fala, nos quais dois apresentadores falando um por vez, em situação de face a face entre eles; não entre os telespectadores. Na escalada de 2005, a apresentadora Fátima Bernardes é quem inicia a abertura do noticiário; as notícias são divididas entre os apresentadores e, portanto, ambos se interagem de forma centrada e organizada, segundo Marcuschi (1997). O diálogo é assimétrico, ou seja, um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, dirigir, concluir a interação. É possível também classificar que a relação entre os apresentadores é vertical ou de “poder”, estão sempre em posição de dominante perante principalmente ao repórter. Em algumas ocasiões é claro que o editor-chefe, William Bonner, é quem domina até mesmo o outro apresentador, pois ocupa uma posição alta no noticiário.

Na escalada, a organização dos turnos quanto aos aspectos quantitativos é

igualitária, já quanto aos aspectos qualitativos percebemos maior participação de William Bonner, responsável pelo encerramento da escalada ou abertura oficial do JN, sendo a principal unidade conversacional. Assim que começa o telejornal, a primeira frase a ser dita é sobre a data, um marcador de tempo e de identidade de espaço segundo os aspectos conversacionais. Em 07 de julho de 2005, as notícias estavam em sua maioria voltadas ao ataque terrorista em Londres. Após a sexta chamada é que foi possível conferir que o jornal também dava importância a outros destaques, como na fala da apresentadora em “Veja também”, seguida das notícias de política no país que passavam por um grave momento. A apresentadora discursa formalmente, o mesmo acontecendo na sequência com Bonner e, assim, até o final da escalada.

Após a terceira chamada, os apresentadores abrem espaço para a entrada rápida de um repórter falando sobre o que acabaram de citar. Em seguida, já tomam o espaço dominante (relação vertical) que, segundo Kerbrat- Orecchioni (2006), refere-se ao fato de que os participantes em presença não são sempre iguais na interação: um dentre eles pode se encontrar em posição de dominante, enquanto o outro é posto em posição de dominado. A própria frase: “nossos repórteres...”, dita por Bonner, indica pelo pronome possessivo quem é o dominado e o dominante. A mesma situação se repete por mais três vezes. Na tela da TV, apenas o foco no rosto do apresentador ao discorrer as chamadas. Para encerrar a escalada, a frase “Agora, no Jornal Nacional”, indica tempo (o jornal vai começar).

Em 2010:

FÁTIMA

MENOS DE DOZE HORAS PARA O INÍCIO DA VOTAÇÃO NO BRASIL//

WILLIAM

E UMA DÚVIDA NA CABEÇA DOS ELEITORES//

FÁTIMA

QUANDO **OS BRASILEIROS** SABERÃO QUEM SERÁ O NOVO PRESIDENTE DA REPÚBLICA?//

WILLIAM

AMANHÃ?

FÁTIMA

OU NO DIA 31?//

Em 2010, a apresentadora inicia a abertura do telejornal com uma notícia que indica quanto tempo falta para a votação no Brasil. Ela não cumprimenta os telespectadores, até mesmo porque este tratamento até 2014 só se dava ao chamar a abertura da edição. Bonner e Fátima continuam a interação e os turnos de fala, um falante por vez, com perguntas. Neste caso, temos uma sequência de pares adjacentes, de dois turnos que ocorrem e servem para organização local da conversação. Os apresentadores questionam, com possível interação e esperando que o telespectador responda ou reflita. A chamada merece uma atenção mais apurada: “... os brasileiros saberão...”, indicando a distância dos apresentadores com a notícia, neste caso uma relação horizontal. A palavra engloba a nação, e em momento algum eles parecem se encaixar nela, naquele momento. Diferente seria se usassem o pronome na primeira pessoa do plural, ficando “... nós saberemos...”. Mesmo assim, demonstram que estão conversando e interagindo um pouco mais com o telespectador. O fato principal a ser tratado no noticiário daquele dia são as eleições presidenciais; quase no final da escalada, vem o chamativo de outro assunto que será noticiado, empregando a frase: “E você vai ver também”. Nota-se que é utilizado o pronome pessoal “você”, diminuindo a distância entre o apresentador e o telespectador, convidando-o para assistir ao telejornal, de forma mais polida, segundo teorias, que o período anterior analisado. Na sequência, versa-se de esporte, uma notícia mais leve, e finaliza com a frase de ordem “Agora, no Jornal Nacional” falada por Bonner, o dominante.

Sabemos que, quando conversamos, normalmente o fazemos com perguntas e respostas ou, então, com asserções e réplicas. Mas, no texto escrito, de acordo com Carvalho (2007), isso não acontece, exceto quando temos as denominadas perguntas retóricas, ou seja, enunciados com tom de interrogação, sem a função de interrogar ou causar uma resposta, mas de chamar a atenção para aquilo de que se fala ou, mesmo, de servir como mecanismo de coesão para iniciar um novo parágrafo, como vimos na chamada da escalada. Desta forma, atribui-se um turno aproximado da conversação, o que lhe confere uma espontaneidade.

Em 2015:

WILLIAM
OLÁ BOA NOITE!

RENATA

BOA NOITE!

WILLIAM

O JORNAL NACIONAL COMEÇA AGORA COM OS DESTAQUES DESTA SEXTA-FEIRA//

RENATA

PRIMEIRO DE MAIO. CENTRAIS SINDICAIS PROMOVEM FESTAS COM MÚSICA EM SÃO PAULO E EM OUTRAS CAPITALS//

WILLIAM

O DIA DO TRABALHADOR TEM PROTESTOS NO EXTERIOR. NA GRÉCIA HOVE PASSEATA CONTRA OS CORTES DE GASTOS DO GOVERNO//

Em 2015, o discurso da escalada ficou ainda mais próximo do receptor e mais conversado e espontâneo. Os apresentadores, William Bonner e Renata Vasconcellos, iniciam o JN com: “Olá, boa noite”. Desta forma, a natureza da relação socioafetiva que une os apresentadores aos telespectadores faz com que os jornalistas se mostrem mais próximos com esta forma de tratamento, o que não significa que estejam interagindo. Logo após, Bonner indica o tempo, porém de forma bem diferente dos anos analisados. O apresentador avisa, convidando o telespectador que o jornal “...começa agora...”. Neste caso, o editor-chefe utiliza da polidez, cuja função é preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal, não deixando transparecer que está construindo uma posição de dominador em relação ao telespectador.

A notícia a seguir é sobre o país e algo positivo, para depois iniciar as informações internacionais que também comemoram a data do dia do trabalho. A velocidade em que cada notícia é chamada é mais devagar que as edições analisadas, para que ocorra o entendimento e o interesse do telespectador.

Em seguida as notícias internacionais mostram um dia de protestos, de confusão, ressalva para novas informações do terremoto no Nepal e da falta de segurança no Brasil. As notícias são intercaladas com imagens, mas desde 2010 percebemos que não há a interação com os repórteres como analisado em 2005, estabelecendo o domínio da situação apenas com os apresentadores em uma relação vertical. Observamos o discurso que ora prega conselhos como “Perigo na

saída do trabalho...”, marcando a posição de dominador que o apresentador exerce sobre os telespectadores.

De acordo com Marcuschi (1997), a conclusão de um enunciado, a entonação baixa, o olhar fixo por alguns instantes e pausas são organizadores importantes para a transmissão de um turno a outro, trabalho este executado pelos jornalistas. Um exemplo específico ocorre na troca de assunto, que vai dos mais importantes e ameaçadores aos mais leves, apenas ênfases, pausa, dinâmica menos veloz e expressão vocal como se estivessem sorrindo. No final, a ordem mais uma vez, abre espaço à conversação próxima; antes do “agora”, vem a palavra “a partir de ...”. O jogo das câmeras também é diferente das edições anteriores. Com a câmera aberta, focalizando os dois apresentadores, dá-se a impressão que existe uma conversa entre eles e o telespectador, destacando, mais uma vez, a proximidade entre eles, além da interação e da conversação.

4.3.2- Das cabeças de VT do JN

Data: 02 de setembro de 2005

Apresentação: William Bonner e Fátima Bernardes

Emissora: Rede Globo

VT Abertura	
DATA: 02/set./ 2005	APRESENTADOR: FÁTIMA BERNARDES
RETRANCA: FURACÃO/ KATRINA	REPÓRTER: LUÍS FERNANDO SILVA PINTO
LINK: http://globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/furacao-katrina-2005/2360950/	
1º BLOCO	FÁTIMA BOA NOITE! QUATRO DIAS DEPOIS DA PASSAGEM PELO SUL DOS ESTADOS UNIDOS, A MEMÓRIA DO FURACÃO KATRINA AINDA ASSOMBRA MILHÕES DE AMERICANOS// A HERANÇA QUE ELE DEIXOU VOCÊ VAI VER AGORA NA REPORTAGEM DOS ENVIADOS ESPECIAIS LUÍS FERNANDO SOUZA PINTO E LÚCIO RODRIGUES . NESTA SEXTA-FEIRA ELES CHEGARAM A NOVA ORLEANS. A CIDADE MAIS ATINGIDA PELO DESASTRE, CHAMADA DE CAPITAL MUNDIAL DO JAZZ É UMA TERRA DE DESESPERADOS E SEM LEI//
VIVO	
CÂMERA ABERTA	
CÂMERA 1	
CÂMERA 2	
RODA VT	

Os textos jornalísticos, em geral, buscam anunciar, descrever, demonstrar, argumentar e persuadir. Nos trechos de abertura das notícias, tanto os apresentadores quanto os repórteres, optam por uma linguagem referencial e um discurso polifônico, numa tentativa de distanciamento do locutor em relação ao fato narrado. Na cabeça de uma reportagem, o objetivo é situar o telespectador num primeiro momento sobre o assunto, e em seguida mostrar o que de novo foi descoberto e quem tem mais informações. Geralmente quem redige este texto são os editores do jornal, no caso os apresentadores que devem estar conectados com o repórter sobre o conteúdo da matéria. Desta forma, eles já se familiarizam com o texto previamente, para apresentá-lo no telejornal.

A cabeça da reportagem analisada do ano de 2005 compreende a abertura da edição do dia 02 de setembro, quatro dias após a devastação do furacão *Katrina*. Quem inicia o turno de fala é a apresentadora Fátima Bernardes, que com o uso de troca de câmeras e de um gráfico compõe a cena e interage com o telespectador. A apresentadora estabelece uma relação afetiva, cumprimentando o telespectador com um “Boa noite”, e em seguida muda de câmera, mostrando como meio de interação que está falando com alguém pela forma de tratamento; o falante se assegura da escuta de seu destinatário. Embora a interação não seja face a face, a espera é de que o receptor produza sinais que confirmem ao falante que de fato está atento no circuito comunicativo. Indica o tempo, afirmando que faz “quatro dias da passagem” do furacão, e continua com o telespectador uma relação horizontal, se mostrando mais ou menos próximos ou distantes. Nota-se o uso de marcador verbal, como o pronome de segunda pessoa “você”, demonstrando pouca distância com o telespectador, e interage na forma de ordem “... você vai ver agora...”. Neste contexto, ao citar o nome dos repórteres, mantém uma relação vertical com eles, na qual o apresentador é o dominador e o repórter o dominado. Observa-se que Fátima, ao indicar os profissionais da matéria, usa o nome de tratamento “os enviados” marcando esta relação.

Data: 08 de abril de 2010

Apresentação: William Bonner e Fátima Bernardes

Emissora: Rede Globo

VT Final

DATA: 08/abr./2010

RETRANCA: CHUVA/BUMBA

LINK: <https://www.youtube.com/watch?v=QKWdEkecRUU>

APRESENTADOR: WILLIAM BONNER

REPÓRTER: FÁTIMA BERNARDES

**4º BLOCO
VIVO**

RODA VT

GC: LAURA BEATRIZ

8 ANOS

DIN: "Eu lembro que o

DF: ...muita coisa pra viver".

DIVIDE TELA

FÁTIMA

NÃO PARA DE CHOVER AQUI EM NITERÓI E NESTE MOMENTO FUNCIONÁRIOS DA EMPRESA DE ENERGIA QUE ATENDE **AQUI** ESTA REGIÃO ESTÃO RETIRANDO UM POSTE QUE FICOU INCLINADO NO DESMORONAMENTO. ELE VAI SER RETIRADO PARA QUE SÓ ENTÃO AS RETROESCAVADEIRAS POSSAM VOLTAR A TRABALHAR **AQUI** NA PARTE BAIXA ONDE EXISTEM VÁRIAS CASAS SOTERRADAS// **EU RESERVEI PRA GENTE** ENCERRAR ESTA EDIÇÃO DO JORNAL NACIONAL UMA ENTREVISTA **QUE EU FIZ COM** UMA MENINA CHAMADA LAURA BEATRIZ. ELA TEM OITO ANOS, **MAS PARECE MUITO MAIS, COMO SE DE ONTEM PARA HOJE ELA TIVESSE GANHADO MUITOS ANOS. ELA TIVESSE ENVELHECIDO,** A PONTO DELA MESMA TER SE REFERIDO À TRAGÉDIA DE ONTEM COMO "AQUELE DIA". **VEJA SÓ//**

FÁTIMA

A LAURA BEATRIZ PERDEU 4 PRIMAS E A AVÓ NO DESABAMENTO. **O GOVERNO FEDERAL ANUNCIOU HOJE QUE VAI LIBERAR** POR MEIO DE MEDIDA PROVISÓRIA, 200 MILHÕES DE REAIS PARA ATENDER ÀS VITIMAS DAS CHUVAS DO RIO. VAI SER ANTECIPADA A ENTREGA DE 50 AMBULÂNCIAS DO SAMU E O RIO VAI RECEBER TAMBÉM 52 KITS DE EMERGÊNCIA COM CAPACIDADE PARA ATENDER 75 MIL DESABRIGADOS. SEGUNDO O MINISTÉRIO DA SAÚDE SERÃO ENVIADAS AINDA 5 TONELADAS DE MEDICAMENTOS COMO ANTI-INFLAMATÓRIOS E ANALGÉSICOS. **O JORNAL NACIONAL TERMINA AQUI, VOCÊ TERÁ OUTRAS NOTÍCIAS LOGO MAIS NO JORNAL DA GLOBO, DEPOIS DA ESTREIA DO GLOBO MAR. ATÉ AMANHÃ//**
WILLIAM

CÂMERA 01 ESTÚDIO

LEMBRANDO QUE NA NOSSA PÁGINA NA INTERNET, **G1.COM.BR/JN** VOCÊ ENCONTRA TODAS AS INFORMAÇÕES SOBRE DOAÇÕES PARA AS VÍTIMAS DAS CHUVAS NO ESTADO DO RIO//

SOBE ROL

A reportagem analisada do ano 2010 compreende também um desastre ambiental. Desta vez, no Brasil: as chuvas no Morro do Bumba no município de Niterói, Estado do Rio de Janeiro. Nesta ocasião, foi realizada uma cobertura especial sobre o fato. Fátima Bernardes apresentou o JN direto da cidade fluminense, promovendo a interação com Bonner, que continuava no estúdio. Vimos, neste caso, uma situação comunicativa com o elemento lugar, pois a interação se desenvolve em outro local e também sob o ângulo de sua função social, diante da tragédia e institucional, como apoio da Rede neste acontecimento. Nesta cobertura em especial, Fátima deixou sua sensibilidade “aflorar”, mantendo uma relação horizontal mais próxima e afetiva, mas a todo o momento, retornava à postura formal em seu discurso mantendo uma relação vertical com Bonner, o dominante. A jornalista selecionou para encerrar a edição do jornal, uma reportagem que ela fez com uma menina de oito anos. A criança tem o nome das suas filhas Laura e Beatriz. De acordo com entrevista dada para o jornalista Alfredo Bokel, Fátima disse que este momento ficará em sua lembrança para sempre e que ficou impressionada com a história da pequena.

Ao narrar a situação, Fátima inicia com a frase “Não para de chover aqui...”. Com isso, percebemos a relação interpessoal, de forma íntima da apresentadora com o fato e o lugar social, a posição social do emissor e o objetivo da interação. Ela se mostra dentro da notícia, com certo desespero, pois a chuva continuava e ela permanecia no local, junto com muitas pessoas que não conseguiram sair ou que estavam trabalhando para encontrar desaparecidos. Por várias vezes no discurso, que é mais narrado, panorama narrativo do gênero telejornal, do que a cabeça de um VT chamado do estúdio, repete a palavra “aqui”, indicando lugar, o contexto comunicativo e também a espontaneidade. Neste caso, observamos a conversação de forma mais clara, pois implica numa troca de palavras de caráter semi-improvisado. Ao chamar a reportagem exprime seu papel de dominadora com as

frases “Eu reservei pra gente...” (ela, Bonner e telespectador), “...que eu fiz...” e, completa narrando sobre a menina, com sensibilidade: “Ela tem oito anos, mas parece muito mais como se de ontem...” e quando verifica que pode se emocionar, volta ao discurso formal, distante e retoma a relação vertical indicando com a frase “Veja só”.

No retorno do VT, Fátima continua a falar da menina “A Laura Beatriz perdeu quatro primas...”. Com a frase, a jornalista sensibiliza o público que se torna mais próximo dela naquele momento, ao refletir como deve ter sido difícil a tarefa de entrevistar a menina naquelas condições. Mas, logo em seguida, faz um discurso de ordem formal passando as informações sobre as ações do governo diante dessa tragédia. Ao concluir, a tela é dividida entre Fátima e Bonner, que ficam no mesmo espaço; este recurso, de acordo com Kerbrat- Orecchioni (2006), torna possível observar que a distância interpessoal evoluiu no desenrolar da interação e segue no sentido de uma aproximação progressiva. Embora o discurso continue jornalístico e formal, o apresentador, esposo de Fátima, deixa transparecer o sentimento de orgulho e/ou de satisfação enquanto a apresentadora continua com seu discurso firme e pontual, finalizando com “Até Amanhã”, evidenciando que continuará no mesmo local trazendo as informações. Bonner conclui avocando o telespectador à leitura sobre o desastre, agora com o uso da *web* no site da Globo, mostrando sua posição de dominador sempre encerrando e iniciando as principais unidades conversacionais, o que entendemos como aspectos qualitativos.

Data: 14 de novembro de 2015

Apresentação: William Bonner e Renata Vasconcellos

Emissora: Rede Globo

VT COBERTURA PARIS

DATA: 14/nov./2015

APRESENTADOR: WILLIAM BONNER

RETRANÇA: TERROR/FRANÇA

REPÓRTER: BIANCA ROTHIER/ROBERTO KOVALICK

LINK: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/estado-islamico-diz-que-ataques-em-paris-foram-os-primeiros-de-uma-serie.html>

**1º BLOCO
VIVO**

CÂMERA 2 ABERTA

WILLIAM

NÓS ESTAMOS DE VOLTA COM AS INVESTIGAÇÕES SOBRE OS ATENTADOS EM PARIS. A POLÍCIA FRANCESA ENCONTROU O PASSAPORTE DE UM REFUGIADO SÍRIO AO

<p>RODA VT DIN: “Um ataque DF: ...de Bruxelas”.</p> <p>GC: BIANCA ROTHIER PARIS</p> <p>PLASMA</p> <p>LINK PARIS ROBERTO KOVALICK</p> <p>DF: PARIS, RENATA.</p> <p>ESTÚDIO PLASMA</p> <p>LINK PARIS</p> <p>ESTÚDIO</p>	<p>LADO DO CORPO DE UM DOS TERRORISTAS. KOVALICK MENCIONOU ISSO A POUCO E O GRUPO ESTADO ISLÂMICO AFIRMOU QUE OS ATAQUES DE ONTEM FORAM OS PRIMEIROS DE UMA TEMPESTADE QUE ESTÁ SÓ COMEÇANDO.</p> <p>RENATA A GENTE VOLTA A CONVERSAR COM O KOVALICK QUE ESTÁ EM PARIS AO VIVO. KOVALICK VOCÊ TEM INFORMAÇÕES SOBRE AS BUSCAS DA POLÍCIA NA BÉLGICA?</p> <p>RENATA E QUE OUTRAS INFORMAÇÕES VOCÊ TEM KOVALICK SOBRE ESSES CARROS ENCONTRADOS EM FRENTE A CASA DE ESPETÁCULOS BATACLAN? QUAL A LIGAÇÃO DELES COM OS TERRORISTAS?</p> <p>AGRADECE</p>
--	---

A cabeça de reportagem analisada de 2015 é sobre a cobertura especial dos ataques terroristas de Londres. A apresentação é de Bonner, que inicia com a frase “Nós, estamos de volta...”. Neste momento ele já criou a proximidade com o telespectador, querendo dizer que ele e Renata estavam de volta para conversar com “você”, telespectador. De forma polida, o apresentador dominador chama a atenção de quem está em casa para ouvi-lo, afinal ele está falando de algo importante. Na mesma cabeça, diferente das outras analisadas em anos anteriores, o jornalista fala o nome do repórter “Kovalick mencionou isso há pouco...” mostrando a relação íntima e familiar com o mesmo, o tratando como o “Kovalick, nosso amigo...”, fazendo com que o telespectador também se torne próximo do profissional. Assim, é possível observar, apesar de esta relação ser vertical, uma

certa igualdade entre os interlocutores, que identifica de forma sutil o lado dominante de Bonner pelo nome de tratamento “repórter”.

Assim que a reportagem se encerra a apresentadora, Renata Vasconcellos, em pé, situação inovadora no JN estabelecida este ano, mostra que algo irá acontecer, se dirige até o plasma onde, ao vivo, se comunica com o repórter numa interação face a face. O seu discurso inicia com a frase: “A gente volta a conversar com o Kovalick...” e, continua, “você tem Kovalick...”. A sintaxe não é tão formal, é possível observar o discurso semi-improvisado pela repetição de palavras e também a polidez com sua função de preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal. Nela, a jornalista aproxima a “todos” e chama para a conversa de forma íntima, pois afinal “todos” se conhecem.

Nas cabeças analisadas, é perceptível como a conversação e as relações foram se tornando cada vez mais constantes e próximas do público alvo; no caso, o telespectador, inserindo-o na conversa, aproximando-se de uma interação com ele e tornando a distância entre as relações cada vez menor.

4.3.3- Das interações do JN

O JN possui momentos de aproximação de uma interação que marcaram história e que ganharam manchetes de vários veículos de informação por se tratar de assuntos de comoção mundial e, também, pela naturalidade dos apresentadores. Desta forma, foram separados trechos desta interação para análise.

Data: 02 de abril de 2005

Apresentação: William Bonner e Fátima Bernardes

Emissora: Rede Globo

VT Abertura	
DATA: 02/abr./2005	APRESENTADOR: FÁTIMA BERNARDES
RETRANCA: MORTE/PAPA	REPÓRTER: WILLIAM BONNER
Link: https://www.youtube.com/watch?v=xO07e48JITM	
1º BLOCO VIVO CÂMERA ABERTA	FÁTIMA BOA NOITE! TERMINOU NESTE SÁBADO O PONTIFICADO DO PRIMEIRO PAPA NÃO ITALIANO EM 455
GC: FÁTIMA BERNARDES	

<p>CÂMERA 2</p> <p>LINK VATICANO GC: WILLIAM BONNER VATICANO</p> <p>RODA VT</p>	<p>ANOS. VAMOS AO VIVO AO VATICANO, ONDE ESTÁ WILLIAM BONNER. BOA NOITE WILLIAM// WILLIAM BOA NOITE FÁTIMA, BOA NOITE A TODOS. AQUI NO VATICANO SÃO UMA E QUINZE DA MADRUGADA, DEPOIS DE UMA LONGA AGONIA QUE SE AGRAVOU DESDE A ÚLTIMA QUINTA-FEIRA// MORREU HOJE O PAPA JOÃO PAULO SEGUNDO. A MORTE DELE FOI ANUNCIADA ÀS 9 E MEIA DA NOITE, MAIS OU MENOS, NO VATICANO; ERAM UMAS 4 E MEIA DA TARDE AÍ NO BRASIL// NÓS ESTAMOS FALANDO DO ALTO DO COLÉGIO SANTA MÔNICA NO VATICANO// ALI ATRÁS ESTÁ A BASÍLICA DE SÃO PEDRO. // ONTEM, DEPOIS DAS NOTÍCIAS DO AGRAVAMENTO DA SAÚDE DO PAPA JOÃO PAULO SEGUNDO, NÓS DECIDIMOS EMBARCAR COM UMA EQUIPE AQUI PARA ROMA// A MORTE DE JOÃO PAULO SEGUNDO SERIA UMA QUESTÃO DE HORAS, ERA ISSO QUE TUDO INDICAVA E DE FATO FOI O QUE ACONTECEU, COMO MOSTRA A CORRESPONDENTE ILZE SCAMPARINI//</p>
--	--

O JN se destaca em suas coberturas especiais, principalmente pela forma de aparente interação e proximidade exercida pelo apresentador, como no exemplo do trecho da cobertura da morte do Papa João Paulo II em 2005. Nesta, Bonner (2009) afirma que aquela viagem reduziu de forma substancial a sua convicção de que milagres não acontecem.

Na ocasião, Bonner apresentou o JN, em 02 de abril, direto do Vaticano, enquanto Fátima estava no estúdio, no Brasil. Mais uma vez, é possível identificar a situação comunicativa com o elemento lugar. O apresentador se desloca para o Vaticano, onde o papa morava e desenvolve a interação com Fátima, que está no contexto usual do telejornal. Também é possível observar a função institucional da empresa como simpática ao catolicismo e aos milhares de religiosos em todo o mundo. O quadro temporal, também determinante para a interação é somado ao discurso aprimorado e às informações adquiridas pelo jornalista. Na abertura do telejornal, foi possível presenciar a interação entre os apresentadores na escalada, repetindo os turnos de fala, notando que o aspecto quantitativo está para Bonner que fala mais, durante mais tempo e aparece como quem domina a conversação. A

A interação de 2010, nos mesmos moldes de uma cobertura especial traz novamente o casal de apresentadores. Desta vez, quem está fora dos estúdios é Fátima Bernardes, que cobre a Copa do Mundo. Nota-se que no discurso de Bonner, a aproximação é maior com o telespectador na forma do tratamento: “Olá, Boa noite”. Prosseguindo, o apresentador que iniciou o JN sozinho, demonstrado pela câmera aberta ao focalizar o estúdio e a bancada, inicia a apresentação. Discursa sobre o futebol e inclui o telespectador e o próprio jornalista, na frase “todo mundo fala disso, todo mundo quer saber da seleção”. De uma maneira polida e descontraída, Bonner vai chamando a atenção no discurso em momento informativo, outro interpretativo. Coloca a postura da empresa, ou utiliza o elemento de lugar institucional, quando cita “ ... a Globo manda uma equipe...”, deixando de ser o dominador neste momento e passando a ser o dominado nesta relação. E continua “ E eu aqui. Sozinho nesta bancada me vejo na obrigação de perguntar: onde está você, Fátima Bernardes?”. Nesta elocução Bonner surpreende com a leveza e harmonia em seu discurso, evidenciando a relação proximal afetiva e familiar com a apresentadora, sinalizando a ausência da mesma no convívio íntimo, discurso informativo que passou a ser diversional. A frase de Bonner se tornou um viral na *internet*, utilizada em algumas ocasiões engraçadas. Interagindo com Bonner, Fátima retorna o cumprimento a ele e aos telespectadores e responde à pergunta de maneira a preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal.

Data: 03 de julho de 2015

Apresentação: William Bonner e Renata Vasconcellos

Emissora: Rede Globo

PREVISÃO	
DATA: 03/jul./2015	APRESENTADOR: WILLIAM BONNER
RETRANCA: TEMPO	REPÓRTER: MARIA JÚLIA COUTINHO
LINK: http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/07/william-bonner-fala-ao-vivo-no-jn-sobre-ofensas-racistas-maju-coutinho.html	
1º BLOCO	WILLIAM
VIVO	
PLASMA	A MARIA JÚLIA RECEBEU HOJE UMA DEMONSTRAÇÃO DE CARINHO DO TAMANHO DO BRASIL. HOJE É O DIA NACIONAL DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO

CÂMERA 2

CÂMERA 1

PLASMA

LINK MAJU

DIN: "Pois é Bonner

DF: ...é isso".

PLASMA

LINK MAJU

DF: "... a Maju passa"

RACIAL E **UNS 50 CRIMINOSOS** PUBLICARAM COMENTÁRIOS RACISTAS DE MANEIRA COORDENADA CONTRA ELA, NA PÁGINA DO JORNAL NACIONAL NO FACEBOOK. SÓ QUE O QUE ACONTECEU DEPOIS, DE UMA FORMA ESPONTÂNEA E **AVASSALADORA, FOI QUE MILHARES E MILHARES E MILHARES DE PESSOAS** MANIFESTARAM A INDIGNAÇÃO E UM REPÚDIO AOS CRIMINOSOS. NA INTERNET A EXPRESSÃO 'SOMOSTODOSMAJU' GANHOU TODAS AS REDES SOCIAIS".

RENATA

ISSO TAMBÉM ACABOU PROVOCANDO A REAÇÃO DAS AUTORIDADES. NO ESTADO DO RIO, POR EXEMPLO, O **MINISTÉRIO PÚBLICO PEDIU À PROMOTORIA** DE INVESTIGAÇÃO PENAL QUE ACOMPANHE O CASO COM RIGOR À DELEGACIA DE REPRESSÃO A CRIMES DE INFORMÁTICA. EM SÃO PAULO, O PROMOTOR CRIMINAL CRISTIANO JORGE DOS SANTOS, TAMBÉM IRÁ INSTAURAR INQUÉRITO PARA APURAR OS CRIMES DE RACISMO E INJÚRIA QUALIFICADA//

WILLIAM

A GLOBO ESPERA QUE ESSAS AÇÕES CHEGUEM A BOM TERMO E QUE OS CRIMINOSOS SEJAM PUNIDOS DE VERDADE E ALÉM DISSO, A PRÓPRIA GLOBO TAMBÉM ESTÁ ESTUDANDO AS MEDIDAS SOCIAIS CABÍVEIS//

AGORA, MARIA JÚLIA, ME DEIXE PEDIR UM FAVOR PARA QUE VOCÊ DIVIDA POR FAVOR COM O PÚBLICO DO JORNAL NACIONAL, AQUELA MENSAGEM LINDA QUE VOCÊ MANDOU PRA GENTE POR E-MAIL HOJE A TARDE AQUI. PORQUE ESTAVA TODO MUNDO PREOCUPADO COM VOCÊ. VOCÊ MANDOU UMA MENSAGEM MARAVILHOSA. DIVIDE AQUI COM TODO MUNDO//

WILLIAM

É ISSO. A MAJU! A MAJUZINHA PASSA COMO VOCÊ GOSTA DE DIZER.

WILLIAM

É ISSO MESMO. OLHA EU E A RENATA FALAMOS AQUI EM NOME DE TODOS OS COLEGAS DA GLOBO. É CLARO QUE TODOS AQUI DENTRO REPUDIARAM TAMBÉM ESSAS AGRESSÕES ABSURDAS. SOMOS TODOS MAJU, NÉ RENATA?//

<p>LINK MAJU DF: “Obrigada gente”</p> <p>LINK MAJU DF: “ boa noite até segunda, Tchau, tchau”.</p>	<p>RENATA SOMOS TODOS MAJU, HOJE E SEMPRE.//</p> <p>WILLIAM BOA NOITE MAJU. RENATA TCHAU, TCHAU MAJU.</p> <p>RENATA ATÉ.</p>
---	--

Em 2015 muitos foram os discursos interativos do JN. A emissora, que comemorou seus 50 anos, reinventou-se e a mudança veio no fim do mês de abril, precisamente dia 27, após seu aniversário. Entre as transformações estão o fato do informativo estar mais dinâmico, com câmeras mais leves e móveis e tendo William Bonner e Renata Vasconcellos podendo apresentar o telejornal em pé e conversar com os repórteres em um telão. O objetivo é de conquistar telespectadores e alavancar a audiência, pois embora ainda seja líder, ano após ano, vem perdendo público e importância de acordo com dados citados no início deste estudo.

Os apresentadores a todo tempo demonstraram estar conversando entre si estabelecendo uma relação embora vertical, com uma reflexão de igualdade entre os interlocutores, dando um ar de proximidade. A relação com os dominados acontece de forma polida e harmoniosa, por exemplo, no ato da conversação com a repórter da previsão do tempo, Maria Júlia Coutinho. O destaque traz em uma só conversa interativa os panoramas: informativos, interpretativos e opinativos dos apresentadores, além de uma interação em tempo real, entre eles, em turnos onde um falante enquanto está com a palavra, inclui a possibilidade de silêncio e compõe sequências em movimentos coordenados e cooperativos. Nesta conversa é possível observar os pares “conversacionais” com perguntas e repostas. A ocasião tratou de ofensas racistas que a jornalista sofreu e foram publicadas no perfil oficial do "Jornal Nacional" no *Facebook*; uma foto dos apresentadores nessa rede social, deixou a entender que comentariam, ao vivo, sobre o caso. E assim foi efetivado.

Bonner, em pé após saber das notícias do tempo, continua a conversa com a repórter da seguinte maneira: “A Maria Júlia, recebeu hoje uma demonstração de carinho do tamanho do Brasil... Uns 50 criminosos... avassaladora, milhares,

milhares e milhares de pessoas...”. Na fala é possível perceber que o jornalista está contando um fato que aconteceu e que está ora feliz e ora indignado. É possível comprovar pelos fatos linguísticos como: “A Maria Júlia, recebeu hoje uma demonstração de carinho do tamanho do Brasil” e, “avassaladora, milhares, milhares e milhares de pessoas...”. A interação é centrada, onde os interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para a tarefa comum e, ao mesmo tempo é polida, pois o desejo é recíproco em preservar as faces, pelo fato de que a maioria dos atos de fala são potencialmente ameaçadores para uma ou outra dessas faces. No caso para a repórter que foi vítima de preconceito e para quem cometeu o crime.

Assim que Bonner finaliza a frase, Renata Vasconcellos que está sentada à bancada, continua a conversa concordando com o que Bonner acabou de dizer, respeitando os turnos de fala e coloca um discurso oficial: “... o Ministério Público pediu à Promotoria...”, para dar mais credibilidade, mostrando que não estão apenas batendo papo, e que o assunto é sério. Após o comentário, volta para Bonner, enquanto a repórter Maria Júlia mostra-se como receptora da conversa produzindo sinais que está de fato atenta no circuito comunicativo e que preserva sua face como positiva da imagem valorizada de si mesmo, que os interlocutores construíram e impõem na interação. O editor-chefe continua com outro discurso oficial, o da empresa Globo, identificando o elemento de lugar e posição institucional sobre o ocorrido e volta-se para Maria Júlia pedindo: “... um favor, para que você divida, por favor, com o público do Jornal Nacional, aquela mensagem linda que você mandou pra gente por e-mail hoje a tarde aqui...”. Neste momento ele faz um ato que pode ameaçar a face negativa do receptor, com uma pergunta delicada e de ordem para uma resposta. O pedido é feito de forma polida, com uma relação de familiaridade e intimidade que tem com a dominada, inserindo os telespectadores no discurso e, solicitando que a mensagem seja mostrada a todos que acompanham o noticiário, causando também a curiosidade sobre o fato.

A repórter responde ao apresentador de maneira menos formal e mantém sua face positiva retornando para os profissionais no estúdio. Bonner continua o discurso implantando harmonia e intimidade ao chamar a profissional pelo apelido: “É isso aí. A Maju, A Majuzinha passa, como gosta de dizer”. Identificamos a relação vertical de dominante, pois ele pode chamá-la desta forma, mas Maria Júlia em momento

alguém o chama de “Bonnerzinho”. A interação continua, a repórter concorda com o apresentador que volta a chamá-la pelo apelido utilizando figuras de linguagem com sentido afetivo, inserindo Renata Vasconcellos na conversação: “Somos todos Maju, né, Renata?”. A apresentadora retorna com o mesmo afeto e a interação é encerrada com a forma de tratamento de “Boa noite Maju” e “Tchau, tchau Maju”.

Nesta influência interativa destacada é possível perceber como a conversação e as relações interpessoais têm se fortalecido no telejornal. O assunto repercutiu em vários sites de notícias, viralizou na *internet* e no *Twitter* a *hashtag*¹⁷ “Somos Todos Maju Coutinho” foi o assunto mais comentado no Brasil no dia do telejornal, com diversos internautas que saíram em defesa da jornalista.

Como vimos nas análises anteriores, até o cumprimento como “Boa noite” tinha hora exata para ser dito, sempre de maneira formal. Imaginar que hoje chamam os repórteres pelo nome, apelido, perguntam como estão e ainda finalizam com “tchau, tchau” é um avanço na conversação jornalística.

As conversas televisivas são marcadas por uma temporalidade definida, devido a grade de programação e a dependência dos blocos publicitários. Embora o sentimento de proximidade e espontaneidade seja percebido cada vez mais, há uma preparação prévia por parte dos jornalistas para a abordagem dos assuntos e para não perder a credibilidade.

Com vista a esses resultados, procederemos às considerações finais.

¹⁷ *Hashtag* é uma expressão bastante comum entre os usuários das redes sociais, na *internet*. Consiste de uma palavra-chave ou termos associados a uma informação, tópico ou discussão que se deseja indexar de forma explícita no aplicativo, *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, antecedida pelo símbolo #, conhecido popularmente no Brasil por “jogo da velha” ou “quadrado”.

Considerações Finais

A verificação das relações interpessoais nos discursos jornalísticos na apresentação do JN da *Rede Globo*, noticiário líder de audiência no país, revelou que mudanças na linguagem têm sido realizadas cada vez mais e embasadas nos aspectos conversacionais, com o intuito de seduzir, aproximar, interagir com o telespectador e principalmente não perder audiência.

Nas análises dos trechos destacados neste estudo e transcritos, percebemos que o gênero telejornal tem como panorama ser informativo em sua grande maioria. Ele é efetuado por meio da prática de linguagem e pelas relações sociais e culturais que se estabelecem, principalmente com o uso das tecnologias. Tem um estilo específico de telejornal com linguagem objetiva, informativa, utiliza de recursos audiovisuais, estilo próprio formado por cenários e composto por apresentadores, repórteres e comentaristas. Tem como maior objetivo informar, atrair o telespectador e também a audiência. Mesmo com as mudanças em relação ao tempo e as novas formas sociodiscursivas, o gênero telejornal tem um plano comunicacional. Nele há sempre um locutor-enunciador, que age discursivamente numa situação definida. Em diferentes discursos é possível observar sequências narrativas, descritivas, explicativas e dialogais.

Os textos no telejornalismo emitidos pelos apresentadores são em sua maioria, lidos; a emissão é oral e a produção é escrita. Gradativamente como verificado nas análises, os apresentadores têm feito com que estes discursos se aproximem dos textos orais os tornando mais espontâneos. Assim identificamos a conversação, a prática social mais comum do dia a dia, o gênero segundo Marcuschi (1997) básico da interação humana. A voz firme e impostada trazida do radiojornalismo foi sendo deixada de lado e deu lugar à fala em tom de conversa, deixando ao telespectador, a impressão que o apresentador está lhe contando os acontecimentos, como um amigo confiável e bem informado.

Destacam-se no gênero telejornal características como a aparente interação entre pelo menos dois falantes, os apresentadores ou o apresentador e repórter, ou apresentador e telespectador; ocorrência de troca de falantes nos turnos; presença de sequências de ações coordenadas como a ordem e estrutura do noticiário com as

informações organizadas por sua “importância” e as interações centradas que se desenvolvem durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual para uma tarefa comum, lembrando que não é necessária que esta interação seja face a face para que ocorra a conversação.

Percebemos que o apresentador/emissor indica a todo momento que está falando com alguém pela forma de tratamento, no caso o telespectador ou o outro colega de bancada ou o repórter; e o mesmo espera que o receptor produza sinais que confirmem que está atento no circuito comunicativo. Acontece o que Kerbrat-Orecchioni (2006) chama de sincronização interacional como: o funcionamento dos turnos de fala, escolha dos temas, estilo da troca, vocabulário utilizado e etc.

A sucessão de turnos de fala se dá por existir no telejornal dois apresentadores, dos quais falam cada um por sua vez e em seu turno, em circunstância de face a face desenrolando uma troca comunicativa e com os enunciados engajados de forma mútua. Alguns turnos são marcados pelo caráter semi-improvisado visto na repetição das palavras. Em momentos são verificadas sequências em movimentos coordenados e cooperativos chamadas de “pares adjacentes/conversacional” com exemplos de perguntas e repostas, principalmente quando o apresentador fala com o repórter que está ao vivo.

Os diálogos são assimétricos em que um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, exercer pressão sobre o outro e a relação entre os interlocutores é vertical e polida. É notável que o editor-chefe William Bonner é o dominante pelo uso dos pronomes e nomes de tratamento, por sua função no noticiário e também pelos aspectos qualitativos perante os discursos. Embora a relação seja vertical é utilizado o mecanismo de polidez, dado para preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal, conservando a si e ao outro.

Já com o telespectador verificamos que a relação é em momentos, horizontal, onde os participantes se mostram mais ou menos próximos (familiaridade e intimidade) e distantes. Com os repórteres esta relação também é adotada de forma sutil dependendo do grau de conhecimento recíproco, a natureza da relação socioafetiva e comunicativa. Mas em instantes, a relação vertical já é retomada, sendo a mais intensa em todo o processo.

Com as análises realizadas e com as mudanças que vêm ocorrendo neste novo

formato de telejornalismo, venho com o intuito deste estudo, sugerir que a conversação e a relação interpessoal sejam propósitos de conteúdos em sala de aula, para que desde a universidade, os alunos possam trabalhar o equilíbrio entre a interatividade e a credibilidade. Que se conscientizem cada vez mais, que são necessários conhecimentos, leitura e sabedoria no momento de informar o telespectador.

Com a pesquisa também verifiquei que a conversação é sim um caminho para a TV aberta, na TV paga vimos com mais frequência; mas a forma em que tem sido promovida no JN, ainda está longe do ideal. Em alguns momentos percebemos certa dramatização e conteúdos ainda superficiais. Acredito que os veículos de comunicação, entre eles, a Rede Globo com o JN está em processo de uma nova forma de comunicação.

Ainda é cedo para predizer o futuro, mas, certamente, ele aponta na direção de uma nova televisão, que está sendo ampliada e a perspectiva é que o telejornalista brasileiro se adapte a essa nova realidade. É importante analisar o que vemos na tevê atualmente, saber da história voltando um pouco ao passado e projetar o futuro.

Glossário

Para conhecimento, de forma simples e objetiva, elencam-se abaixo alguns conceitos sobre a estrutura do telejornal, e suas personas, de acordo com a professora Heidy Vargas da Universidade Metodista de São Paulo. Os conceitos são encontrados no site da universidade e estão descritos neste estudo em ordem alfabética:

- Apresentadores: Cabe a ele narrar, anunciar as notícias que serão exibidas, ou chamar repórteres que entram ao vivo na programação.
- Ao vivo: transmissão de um fato. A notícia na hora em que ela acontece. A transmissão pode ser feita dentro do estúdio ou no local do acontecimento.
- Arte: ilustração visual computadorizada, utilizada para facilitar a compreensão do telespectador. Costuma-se usar em matérias que têm gráficos, tabelas e/ou números.
- Áudio: o som da reportagem.
- Áudio ambiente: som gravado na hora e no local em que a reportagem é feita. Além de ilustrar a matéria, pode conter informações importantes.
- *Audiotape*: termo técnico que indica a gravação de um texto do repórter via telefone.
- *Background* ou BG: som do ambiente ou música de fundo que acompanha a fala do repórter (*off*).
- Bloco: a divisão em partes de um telejornal.
- Boletim: resumo do fato. É gravado pelo próprio repórter no local dos acontecimentos. Dá origem ao *stand-up*.
- Cabeça da matéria ou cabeça do *videoteipe*: É o *lead* da matéria, ou seja, a informação básica sobre o tema. Quem lê é sempre o apresentador que introduz o assunto da matéria feita pelo repórter.
- Chamada: texto sobre os principais destaques do telejornal, transmitido dentro da programação normal da emissora. Tem como objetivo atrair o telespectador.

- Comentarista/ Especialista: profissional da área de comunicação ou de áreas específicas, como economia e política que se pronunciam sobre determinados assuntos, com profundidade maior que a de um leigo.
- Encerramento: quando o repórter aparece no final da matéria ou quando os apresentadores se despedem do telespectador.
- Edição: Montagem de uma matéria unindo áudio e vídeo.
- Entrevista: diálogo entre o repórter e o personagem fonte da informação.
- Entrevista coletiva: repórteres de vários veículos de comunicação que participam da mesma entrevista.
- Escalada: são as manchetes do telejornal, sempre no início de cada edição. Serve para prender a atenção do telespectador no início do jornal e informar quais serão as principais notícias daquela edição.
- *Link*: Termo técnico que indica entrada ao vivo do repórter, do local onde acontece a notícia.
- Locutor: Profissional que faz a apresentação das notícias.
- Manchete: frase de impacto com informação forte.
- Matéria: o mesmo que reportagem. Refere-se ao que é publicado no veículo de comunicação.
- Nota ao vivo/pelada: Notícia lida pelo apresentador do telejornal, sem qualquer imagem de ilustração.
- Nota pé: nota ao vivo, lida ao final da matéria, com informações complementares.
- Nota coberta: nota, cuja cabeça é lida pelo apresentador e o texto seguinte é coberto com imagens. Esta nota pode ser gravada ou ao vivo.
- Notícia: acontecimento relevante para o público do telejornal ou qualquer veículo de comunicação.
- Passagem: gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações a serem usadas no meio da matéria. É o momento em que o repórter aparece na matéria para destacar um determinado aspecto.
- Passagem de Bloco: quando os apresentadores informam no final do bloco qual a notícia a seguir, após o intervalo comercial.

- Povo fala: também chamado de fala-povo, é a entrevista feita com várias pessoas – uma de cada vez –, que repercutem determinado assunto.
- Sobe som do VT: marcação técnica na lauda. Indica ao sonoplasta o momento em que deve ser colocado determinado som.
- Sonora: é a fala do entrevistado na matéria.
- *Stand-up*: quando o repórter faz uma gravação no local do acontecimento para transmitir informações do fato. É usado quando a notícia que o repórter tem a dar é tão importante que, mesmo sem imagem, é imprescindível que o faça.
- Texto em *off*, *ou off*: texto gravado pelo repórter – normalmente após a gravação da matéria. É a narração da notícia colocada durante a matéria.
- *Videotape* ou VT: equipamento eletrônico que grava o sinal de áudio e vídeo gerado por uma câmera.
- Vinheta: É o que marca a abertura ou intervalo do telejornal. Alguns eventos importantes também merecem vinheta.

Referências

ABRANCHES, Sérgio. *Um ano de extremos, 2010 pode ser o retrato de nosso futuro*. Ecopolítica, 2011. Disponível em: <<http://www.ecopolitica.com.br/2011/01/21/um-ano-de-extremos-2010-pode-ser-o-retrato-de-nosso-futuro/>>. Acesso em: 30 novembro de 2015.

ALMEIDA, Camila. *Os 10 fatos mais marcantes de 2015*. Superinteressante, dezembro de 2015. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/os-fatos-mais-marcantes-de-2015>> Acesso em: 10 de janeiro de 2016.

BARBOSA LIMA, Fernando. Nossas Câmeras são seus olhos. In: BARBOSA LIMA, Fernando, PRIOLLI, Gabriel e MACHADO, Arlindo (orgs). *Televisão & Vídeo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.p.7-16.

BATISTA, João Gabriel. *O Futuro da Globo após 50 anos de história*. Portal Uol. Na telinha, 2015. Disponível em: <<http://natelinha.ne10.uol.com.br/noticias/2015/05/01/o-futuro-da-globo-apos-50-anos-de-historia-88461.php>>. Acesso em 01 de maio de 2015.

BBC BRASIL. *2005 foi o ano das catástrofes naturais, diz pesquisa da BBC*. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2005/12/051230_p_esquisabbc.shtml>. Acesso em: 30 de novembro de 2015.

BECKER, Beatriz. *A Linguagem do Telejornal: Um estudo da cobertura dos 500 anos do Descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais. 2d. 2005

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. *Jornalismo de TV*. São Paulo: Editora Contexto. 2005.

BONNER, William. *“Jornal Nacional”*: modo de fazer. São Paulo: Globo, 2009.

BRITTOS, Valério Cruz. *Capitalismo contemporâneo, mercado brasileiro de televisão por assinatura e expansão transnacional*. Salvador: Facom/UFBA, 2001.

BRIGLIA, Tcharly Magalhães. *Os limites entre jornalismo e entretenimento*. Observatório da Imprensa, 31 de março de 2015. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/tvemquestao/_ed844_os_limites_entre_jornalismo_e_entretenimento/>. Acesso em: 16 de abril de 2015.

BOKEL, Alfredo. *Fátima Bernardes: “Laura Beatriz é um marco dessa história”*. Globo.com em 12 de abril de 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/jnespecial/2010/04/12/fatima-laura-beatriz-e-um-marco-dessa-historia/>>. Acesso em: 29 de novembro de 2015.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 1999.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. 1ª ed. Trad. Anna Rachel Machado; Maria Lucia Meirelles Matêncio. Campinas, Mercado de Letras, 2006.

BUCCI, Eugênio. *Despencada saudável*. Folha de São Paulo, 1997. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fol/ideias/ideias95.htm>>. Acesso em: 30 de agosto de 2015.

BUCCI, Eugênio. *O Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Boitempo, 2000.

CARVALHO, Adriana Cintra de. O caráter conversacional do discurso de formatura. In: BRITO, Eliana Vianna; GURPILHARES, Marlene Silva Sardinha. (Org.). *Pesquisas em Linguística Aplicada: múltiplos enfoques*. 1ed. Taubaté. Cabral Editora e Livraria Universitária, 2007.

CARVALHO, Adriana Cintra de. *Gêneros textuais e práticas discursivas*. 1. ed. Taubaté: Universidade de Taubaté, 2013.

CARVALHO, Elizabeth. Telejornalismo, a década da tranquilidade. In: KEHL, Maria Rita; RIBEIRO, Santuza Naves; CARVALHO, Elizabeth. *Anos 70: Televisão*, Rio de Janeiro: Europa Empresa Gráfica e Editora, 1979-1980.

CARVALHO, Nathália. *Desastre em Minas Gerais x Terrorismo em Paris: como a imprensa brasileira cobriu os dois casos?* Portal Comunique-se, 17 de novembro de 2015. Disponível em: <<http://portal.comunique-se.com.br/especiais/79401-desastre-em-minas-gerais-x-terrorismo-em-paris-como-a-imprensa-brasileira-cobriu-os-dois-casos>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2016.

CASHMORE, Ellis. *...e a televisão se fez*. Tradução: Sônia Augusto. São Paulo: Summus, 1998.

CASTRO, Daniel. *Nos 50 anos da Globo, JN muda e terá primeira moça do tempo negra*. Portal Uol, 2015. Disponível em: <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/nos-50-anos-da-globo-jn-muda-e-tera-primeira-moca-do-temponegra7427>> Acesso em 01 de maio de 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo, SP: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto: 2004.

COUTINHO, Iluska Maria da Silva. *A busca por critérios editoriais em telejornalismo: nota sobre a exigência de conflito nas notícias televisivas*. Artigo apresentado ao NP de Jornalismo, durante o XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação-

Intercom. Belo Horizonte: 2003. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP02_coutinho.pdf>. Acesso em: 30 novembro de 2015.

CURADO, Olga. *A notícia na TV: O dia-a-dia de quem faz telejornalismo*. São Paulo: Alegro, 2002.

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane; DECÂNDIO, Fabrício. *Produção escrita e dificuldades de aprendizagem*. [Tradução de Fabrício Decândio e Ana Raquel Machado]. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010, p. 39-52.

FAUSTO NETO, Antônio. *Midiatização, prática social - prática de sentido*. Unisinos. PPGCC, São Leopoldo, 2006.

FELTRIN, Ricardo. *Em quatro anos, "Jornal Nacional" perde 28% de seu público*. Portal de Notícias UOL, em 02 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<http://tvefamosos.uol.com.br/noticias/ooops/2016/02/09/emquatroanosjornalnacional-perde-28-de-seu-publico.htm>>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2016.

FURTADO, Rubens (1988) Programação 1- Da Rede Tupi à Rede Manchete, uma visão histórica. *In: MACEDO, Cláudia, FALCÃO, Ângela; MENDES DE ALMEIDA, Cândido J. (orgs). TV ao Vivo- Depoimentos*. São Paulo: Brasiliense, p. 57-69.

GARCIA MARQUEZ, Gabriel. *A melhor profissão do mundo*. Tradução de Luís Antônio Nikão. Disponível em:< http://observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/_ed8_a_melhor_profissao_do_mundo/>. Acesso em: 30 setembro de 2015.

HAGEN, Sean. *A emoção como estratégia de fidelização ao telejornal: um estudo de recepção sobre os laços entre apresentadores e telespectadores do Jornal Nacional*. Tese (Doutorado – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Porto Alegre: 2009.

HOINEFF, Nelson. *A Nova Televisão: desmassificação e o impasse das grandes redes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

JÚNIOR, Gonçalo- “O maestro da TV”. *Gazeta Mercantil*, 30 dez.1998, suplemento Fim de Semana, p.1.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LEANDRO, Paulo Roberto; COSTA, Demétrio (1977). No novo Telejornalismo, jornalista é peça fundamental. *In: Cadernos Proal*. São Paulo (2): 86-89.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed.34, 1999.

LOBO, Luiz. Isso é informar? *Jornal da Tarde*, 15 jan.1969.

LOPEZ, Rene e GOBBI, Maria Cristina. *Telejornalismo e TV Digital: usos para interatividade*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, setembro, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2141-1.pdf>>. Acesso em: 10 de julho de 2015.

MANOVICH, Lev. *The language of new media*. Cambridge: The Mit Press, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1997.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. A natureza dos gêneros e dos formatos jornalísticos. In: SEIXAS, Lia; PINHEIRO, Najara Ferrari (orgs.). *Gêneros: Um diálogo entre comunicação e Linguística Aplicada*. Florianópolis: Insular, 2013.

MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo: compreensão e reinvenção*. São Paulo: Saraiva, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis de (org). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús & REY, German. *Os Exercícios do Ver- Hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Senac, 2001.

MATTOS, Laura. *Record estréia "clone" do "Jornal Nacional". Folha de São Paulo. Ilustrada, 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2901200616.htm>>. Acesso em 30 de agosto de 2015.*

MATTOS, Sérgio. A evolução histórica da TV brasileira. In: COUTINHO, I.; PORCELLO, F.; VIZEU, A. (orgs.). *60 anos de Telejornalismo no Brasil: História, análise e crítica*. Florianópolis: Insular, 2010.

MATTOS, Sérgio. *História da televisão brasileira*. Uma visão econômica, social e política. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MATTOS, Sérgio. *A Televisão Digital, a convergência, a produção e distribuição de conteúdos para celulares e receptores móveis*. Paper apresentado no 2º Forum EPTIC, durante o XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação-Intercom, realizado em Curitiba, Paraná, 2009.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. *Brasil tem 19,76 milhões de assinantes de TV paga*. Disponível em:<<http://www.mc.gov.br/sala-de-imprensa/todas-as-noticias/institucionais/35579-brasil-tem-19-76-milhoes-de-assinantes-de-tv-paga>>. Acesso em: 10 de agosto de 2015.

O GLOBO. *Tragédia em Mariana (MG) ganha destaque no mundo*. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/tragedia-em-mariana-mg-ganha-destaque-no-mundo-17983453>> Acesso em: 30 de novembro 2015.

OLIVEIRA SOBRINHO, José Bonifácio de. *50 anos de TV no Brasil*. São Paulo: Globo, 2000.

OPINIÃO & NOTÍCIA. *Dez acontecimentos que marcaram o mundo*. Disponível em: <<http://opiniaoenoticia.com.br/sem-categoria/dez-acontecimentos-que-marcaram-o-mundo/>>. Acesso: 30 novembro de 2015.

PALACIOS, Marcos Silva; da CUNHA, Rodrigo do Espírito Santo. *A taticidade em dispositivos móveis: primeiras reflexões e ensaio de tipologia para uma característica agregada ao ciberjornalismo*. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 10., 2012, Curitiba, PR. Anais... Curitiba: SBPJor, 2012.

PATERNOSTRO, Vera Íris. *O texto na TV: manual de Telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. *Interação Mútua e Interação reativa: uma proposta de estudo*. XXI Congresso da Intercom – Recife/PE: 1998. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/int_mutua_reativa.pdf>. Acesso em: 05 de dezembro de 2015.

PRIOLLI, Gabriel. *A tela pequena no Brasil Grande*. In: LIMA, Fernando Barbosa;

PRIOLLI, Gabriel e MACHADO, Arlindo (orgs). *Televisão & Vídeo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1989, pp. 19-52.

RAINHO, Rodrigo; DANNEMANN, Fernanda. *Por volta da meia noite*. Folha de São Paulo. TV Folha, 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/tvfolha/tv2505200318.htm>>. Acesso em: 30 de agosto de 2015.

REZENDE, Guilherme Jorge de. *60 anos de jornalismo na TV brasileira: percalços e conquistas*. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio e COUTINHO, Iluska (orgs.). *60 Anos de Telejornalismo no Brasil: História, análise e crítica*. Florianópolis: Insular, 2010.

REZENDE. Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.

REDE GLOBO. *A Globo No Brasil. No Brasil e no Mundo*. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/Portal/institucional/foldereletronico/g_globo_brasil.html>. Acesso em: 05 de setembro de 2015.

RICHARD, Ivan. *País não está preparado para cobertura total por TV digital, estima Abratel*. Agência Brasil. Tecnologia, 2015. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/tecnologia/2015/06/pais-nao-esta-preparado-para-cobertura-total-por-tv-digitalestima-abratel>>. Acesso em: 10 de agosto de 2015.

RODRIGUES, Carla. *Pós-modernos no ciberespaço: seriam os novos apocalípticos desintegrados?* ALCEU, v. 3, n. 6, p. 53 a 64, jan./jun.2003.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. *História do Jornalismo no Brasil*. Comunicação Pública. Grupo de pesquisa em Comunicação Pública da Universidade Federal do Espírito Santo, 2012. Disponível em: <<https://comunicacaopublicaufes.wordpress.com/2012/02/10/historia-do-jornalismo-no-brasil/>>. Acesso em 27 de julho de 2015.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 22, p.23-32, dezembro. 2003.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SEIXAS, Lia. Teorias do jornalismo e midiologia. In: SEIXAS, Lia; PINHEIRO, Najara Ferrari (orgs.). *Gêneros: Um diálogo entre comunicação e Linguística Aplicada*. Florianópolis: Insular, 2013.

SILVA, Edna de Mello; ROCHA, Liana Vidigal. Telejornalismo e Ciberespaço: convergência de tecnologias e informação. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio e COUTINHO, Iluska (orgs.). *60 Anos de Telejornalismo no Brasil: História, análise e crítica*. Florianópolis: Insular, 2010.

SQUIRRA, S. *Boris Casoy: o âncora no telejornalismo brasileiro*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes: 1993.

TELECO. *Estatísticas de Celulares no Brasil*.Teleco, Estatística de Celulares no Brasil, 2015. Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/ncel.asp>>. Acesso em: 08 de setembro de 2015.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. A mistura dos gêneros e o futuro do telejornal. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio e COUTINHO, Iluska (orgs.). *60 Anos de Telejornalismo no Brasil: História, análise e crítica*. Florianópolis: Insular, 2010.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. O mundo dos jornalistas. 3.ed. São Paulo: Summus, 1993.

VARGAS, Heidy. *Telejornalismo: Manual de redação*. Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em: <<http://jornal.metodista.br/tele/manual/glossario.htm>>. Acesso em: 31 de agosto de 2015.

VILCHES, Lorenzo. *Migrações digitais*. São Paulo: Loyola, 2003.

VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. *A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência*. In: VIZEU, Alfredo (org.). *A sociedade do telejornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2008. p.11-28.

WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da linguística*. São Paulo: Parábola, 2002.